

SuperAção

Jovem



**APRENDIZADOS E
CONQUISTAS EM
UMA EXPERIÊNCIA
DE EDUCAÇÃO INTEGRAL**

UMA PARCERIA
INSTITUTO AYRTON SENNA
E SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
DO ESTADO DE SÃO PAULO

SUPERAÇÃO JOVEM

**APRENDIZADOS E
CONQUISTAS EM
UMA EXPERIÊNCIA
DE EDUCAÇÃO INTEGRAL**



UMA PARCERIA
INSTITUTO AYRTON SENNA
E SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
DO ESTADO DE SÃO PAULO

**SECRETARIA DE ESTADO
DA EDUCAÇÃO DE
SÃO PAULO (SEE)**

GOVERNADOR DO ESTADO
Geraldo Alckmin

VICE-GOVERNADOR DO ESTADO
Márcio França

**SECRETÁRIO DE ESTADO
DA EDUCAÇÃO**
José Renato Nalini

SECRETÁRIA ADJUNTA
Cleide Bauab Eid Bochixio

CHEFE DE GABINETE
Wilson Levy Braga da Silva Neto

SAREG
Valesca Penteadó de Toledo Honora

**COORDENADORIA DE GESTÃO DA
EDUCAÇÃO BÁSICA – CGEB**
Rosângela Ap. de Almeida Valim

**DEPARTAMENTO DE
DESENVOLVIMENTO CURRICULAR
E DE GESTÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA –
DEGEB**
Jane Rúbia Adami da Silva



INSTITUTO AYRTON SENNA

PRESIDENTE
Viviane Senna

DIRETORA DE EDUCAÇÃO
Ana Maia

DIRETOR DE ARTICULAÇÃO E INOVAÇÃO
Mozart Neves Ramos

GERENTE EXECUTIVA
Simone André

GERENTES DE PROJETO
Cynthia Sanches, Helton Lima
e Sílvia Mattiazzo

ANALISTAS DE PROJETO
Carolina Miranda, Iris Maniezzo e Priscila Santos.

SECRETÁRIA
Bruna Vasconcelos de Souza

AGENTE TÉCNICOS
Cléa Ferreira, Regina Santos, Juliana Santos,
Renata Mônaco, Rose Moreira, Sílvia Lima,
Mayana Hellen Nunes da Silva e Isabel Afonso

CONSULTORIA EM LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS
Marisa Balthasar Soares

CONSULTORIA EM MATEMÁTICA
Maria Ignez Diniz

EQUIPE DE PRODUÇÃO

**CONCEPÇÃO DE CONTEÚDO
E ELABORAÇÃO DE TEXTOS**
Helton Lima, Sílvia Mattiazzo, Regina Santos,
Rose Moreira, Marília Rocha, Érica Lima e Paula Penko

PROJETO GRÁFICO
Amí Comunicação & Design

FOTOGRAFIA
Diego Migotto, Estúdio Euka, Fábio Corrêa,
Rodrigo Câmara, Vinícius Cordeiro e acervos pessoais.

AGRADECIMENTOS

Esta publicação é dedicada a todos os estudantes, educadores, gestores e agentes técnicos que, ao longo desses 14 anos, protagonizaram e construíram uma história de sucesso na educação pública do Estado de São Paulo. Cada um em seu âmbito, munido de suas forças e contando com o apoio de um time – na verdade, formado por milhares – não mediu esforços nesse desenvolvimento. Felizes pela realização dessa caminhada, deixamos a todas essas pessoas nosso muito obrigado por viverem conosco essa aventura pedagógica na construção de novas formas de ver, sentir, decidir e agir em relação à juventude.

Nossos agradecimentos à equipe da Secretaria e seus profissionais da área de Educação que foram e são parceiros fundamentais na construção desta história, em especial à equipe da CGEB que participou do processo formativo em 2017 e que dará continuidade à gestão do Programa SuperAção Jovem nas Escolas de Tempo Integral: Edison Luiz Barbosa de Souza, Elidameres Gonçalves Batista, Helena Claudia Soares Achilles, Maria Aparecida Ceravolo Magnani, Maria Cecilia Travaim Camargo, Maria Salles, Regina Aparecida Resek Santiago, Rosângela Robles Affonso, Sandra Maria Fodra, Teresinha Moraes da Silva, Vagner Bacarim, Valdete Ramos de Oliveira, Valéria Arcari Muhi, Valéria de Souza, Valéria Tarantello de Georgel e Vera Goloni.

Estendemos também nossos agradecimentos aos parceiros apoiadores que mobilizaram esforços e recursos no apoio às iniciativas aqui relatadas e que contribuíram para a existência da ética da corresponsabilidade pela melhoria da Educação, as empresas: AGC Vidros do Brasil; Boeing; Shell; Copersucar; Deutsche Bank; LIDE Educação; NIVEA; SAP; Suzano Papel e Celulose; Fundação Telefônica Vivo.

SUMÁRIO

PÁG. 22 **TRAJETÓRIAS DE
UMA PARCERIA**

26. LINHA DO TEMPO

35. DEPOIMENTO INSPIRADOR

39. PROFISSIONAIS
PROTAGONISTAS

PÁG. 42 **A EDUCAÇÃO INTEGRAL
PRATICADA NO
DIA A DIA**

48. REFERÊNCIA EM EDUCAÇÃO

49. EDUCAÇÃO QUE
TRANSFORMA VIDAS

53. EDUCAÇÃO QUE
TRANSFORMA EQUIPES

PÁG. 58 **JUVENTUDES
CONSTRUINDO
SOLUÇÕES**

63. ETAPA DE APROPRIAÇÃO
DE RESULTADOS

64. MINHA HISTÓRIA

PÁG. 68

METODOLOGIAS INTEGRADORAS

74. A PRESENÇA DE UMA PROFESSORA PROTAGONISTA

PÁG. 78

EDUCAÇÃO POR PROJETOS E RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS

83. EXPERIÊNCIAS MATEMÁTICAS

PÁG. 92

A PERSPECTIVA DOS MULTILETRAMENTOS

96. LEITURA

99. PRODUÇÃO TEXTUAL

101. DEPOIMENTO SOBRE O MULTILETRAMENTO E A EDUCAÇÃO INTEGRAL

PÁG. 102

RESULTADOS DAS CONQUISTAS E PRÓXIMOS PASSOS DA PARCERIA

111. ESTUDO SOBRE PERFIL DE ALUNOS DO PROGRAMA SALA DE LEITURA

122. DEPOIMENTO

124. TRANSFERÊNCIA DE GESTÃO

A cumplicidade do bem

A história da parceria entre o Instituto Ayrton Senna e a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo é um paradigma de sucesso. Assim deveriam funcionar todas as iniciativas de participação da sociedade civil nas políticas públicas fundamentais para o real desenvolvimento da Nação.

O constituinte de 1988 acenou com a Democracia Participativa, como fórmula sucessora da fragilizada Democracia Representativa. Para implementação do novo padrão, urge investir em plúrimas modalidades de participação. Um dos exemplos mais notáveis de êxito na aproximação entre administração estatal e entidade de direito privado é aquele propiciado pela proficiente equipe do Instituto Ayrton Senna, sob o comando seguro e inovador de Viviane Senna.

Pondere-se que a instituição nasceu predestinada. Ayrton continua a ser uma inspiração e guia para o Brasil de todos os tempos. Sua trajetória ascendente no esporte que mais atraiu a população nas últimas décadas do século passado, coincidiu com a valorização e realce de atributos que ornaram sua personalidade carismática. Não foi só um campeão! Venceu outros campeonatos, pois excelente filho, esplêndido irmão, tio amoroso, amigo leal, revestiu virtudes que o tornaram o símbolo completo do jovem ideal.

O propósito de enaltecer tais qualidades e transmiti-las para a rede pública da educação brasileira já legitimaria a existência do Instituto que eterniza seu nome.

Só que Viviane se propôs a fazer muito mais. Impregnou-se de um sentimento de apostolado, para levar aos mais vulneráveis condições propiciadoras de um eficiente aproveitamento dos recursos de aprendizagem.

Apercebeu-se de que a família precisaria participar de forma intensa e direta da vida escolar de sua prole. Mãe na escola favorece o aprendizado. Estimula o entusiasmo do filho. Faz com que ele absorva o conteúdo intangível do processo educativo: a vontade que faz todo educador vocacionado enfrentar desafios, arrostar dificuldades e suportar sacrifícios para transformar a vida do educando.

A participação do Instituto Ayrton Senna no Programa “Escola da Família” consolidou a iniciativa da Secretaria e solidificou a convicção de que esse é o melhor caminho. Uma escola precisa ser o foco irradiador de todos os interesses do entorno em que está situada. Lugar de mãe é na escola, lugar de pai é junto à comunidade escolar e a diferença é perceptível: ambiente acolhedor, sentimento de pertença, integração entre todos os atores desse mágico processo transformador que é a educação formal.

Todavia, não se resumiu a esse intento o protagonismo do Instituto Ayrton Senna. A perspicácia de Viviane detectou que um dos pontos nevrálgicos da





formação escolar é a capacidade leitora, deflagradora da habilidade escritora. Incentivar a leitura, estimular a construção de uma geração que lê e que encontre prazer na literatura, foi o compromisso assumido pelos responsáveis pela capacitação dos docentes encarregados da “Sala de Leitura”, ambiente imprescindível a cada unidade escolar.

E por que é imprescindível?

A aproximação entre a criança ou jovem e o livro não funciona quando a leitura é considerada uma obrigação, um dever, uma responsabilidade imposta ao aprendiz. A descoberta da maravilha da leitura se dá por outras veredas. Dentre elas, evidenciar as inúmeras janelas para a imaginação e o sonho que são abertas mediante o mergulho na escrita produzida por mentes privilegiadas, que reconstituem sensações, recuperam imagens e suscitam descobertas insuspeitas a quem se detiver diante um livro. Ler é um prazer insuperável. Permite viajar por universos até então ignorados, experimentar sentimentos íntimos de espíritos indômitos, que nunca seriam visitados não fora o exercício leitor.

Pois o Instituto Ayrton Senna promoveu a qualificação e treinamento desses docentes já vocacionados a despertar o alunado para o percurso infinito da leitura atraente. Cada mestre se tornou multiplicador de adeptos desse desafio instigante que é penetrar em consciências que jamais seriam conhecidas, não fora o amor ao livro.



O trabalho desenvolvido junto aos alunos pelo professor responsável pela “Sala de Leitura”, complementa e, muita vez, obtém resultado até mais proficiente do que a aula de vernáculo. Esta, adstrita à transmissão de um conteúdo curricular solidificado, nem sempre reveste o poder sedutor e atrativo do espontâneo encontro entre leitor e escritor.

A educação paulista é devedora de Viviane e sua Equipe e o Instituto Ayrton Senna, com seu protagonismo, é o credor que testemunha a viabilidade dessa urgente conciliação entre educação pública e sociedade civil. Irmanadas ambas em busca do contínuo aprimoramento do único processo capaz de resgatar o Brasil de suas conhecidas mazelas.

Cumplicidade benfazeja, gratificante e vitoriosa! Que perdure e se intensifique, pois é a fórmula comprovada de cumprir de maneira adequada o mandamento fundante de 5.10.1988: comprometer família, Estado e sociedade na missão salvífica de prover a Nação de gerações aptas ao enfrentamento do inesperado.

José Renato Nalini

Secretário da Educação do Estado de São Paulo

Somar para superar

A educação é a chave para desenvolver potenciais humanos, e para que possa realmente cumprir esse papel é preciso olhar para as pessoas além do que elas têm de capacidade de adquirir conhecimento. É preciso olhar para o que cada um é, como um todo, como sujeito que vive, convive, aprende e atua em diferentes projetos ao longo da vida. Se as escolas centram esforços apenas em um fragmento desse todo, as crianças e jovens que concluem o percurso da educação básica terão menos oportunidades para desenvolver seu potencial de forma ampla.

Para construir a educação que conte com essa visão ampliada, é essencial reunir muito trabalho em equipe: Estado, famílias, sociedade em geral, juntos, somam forças para uma atuação que atenda a esse propósito e vá além daquilo que já temos hoje. Conseguimos superar os desafios quando colaboramos para um objetivo comum e conectamos os aprendizados.

Esse é o fio condutor desta obra, que fala de superação de cada um e de todos nós. Em conjunto – rede estadual de São Paulo e Instituto Ayrton Senna –, pudemos contribuir para o debate e as práticas de um modelo de educação integral que conta com alto nível de participação, tanto de estudantes quanto de educadores, e de fato avança a fronteira da qualidade da educação, algo que sempre norteou o trabalho de referência da Secretaria de Educação de São Paulo, e não foi diferente nesta parceria. Foram as diretrizes da Secretaria quanto a priorizar o desenvolvimento integral, o protagonismo de estudantes e educadores, a leitura e a resolução de problemas como eixos de fortalecimento das escolas que orientaram todo o trabalho no Programa SuperAção Jovem, como se verá nas próximas páginas.

O que se vê nesta publicação é um registro contundente de que, quando uma rede de ensino tem a coragem e iniciativa para coordenar e sustentar uma ação de envergadura contando com a soma de esforços, podemos sim lidar com os desafios educacionais que ainda nos chegam do século passado e, simultaneamente, colocar em operação uma proposta de educação que dialogue verdadeiramente com as demandas do século 21.

Há dois séculos, a maior parte das escolas tem atuado essencialmente segundo um mesmo modelo, de alunos enfileirados ouvindo o professor que, como detentor do conhecimento, expõe e depois cobra em provas para que alunos mostrem o que aprenderam. Nesses dois séculos, houve uma intensa revolução científica e tecnológica e, hoje, a produção de conhecimento mundial em poucos dias supera a de uma vida inteira no século 19. Isso muda nossa forma de viver, de nos relacionar e de trabalhar, e também deve ter implicações na forma de educar. Foi exatamente o que a Secretaria de Educação de São Paulo fez, de forma pioneira.

Temos atualmente um mundo em rápida transformação e ainda não possuímos todas as respostas sobre como ele estará daqui a 15 ou 20 anos. De que forma a escola deve responder a esse cenário? O que fazer hoje para preparar crianças e jovens para esse futuro? Está claro que não basta transmitir conhecimento, que hoje é apenas um ponto de partida. É preciso desenvolver muitas outras competências para mobilizar esse conhecimento com autonomia e em prol de fazer suas próprias escolhas na vida.

Essas competências, que temos preferido chamar de socioemocionais, mas que podem receber também outras denominações contemplando a mesma concepção, envolvem aspectos de



criatividade, flexibilidade, colaboração, trabalho em time, e muitos outros. Tudo na vida que exige algum esforço demanda a mobilização desse conjunto de habilidades, que vamos utilizando e recrutando à medida que precisamos, como uma espécie de currículo oculto que todos temos, mas que nem sempre recebemos apoio estruturado para reconhecer e articular.

Desenvolver esse currículo com tanta intencionalidade como já se faz com os aspectos cognitivos (como raciocínio e compreensão de conceitos) é oferecer uma oportunidade de preparo para os desafios da vida. E o melhor: estudos robustos da ciência nos mostram que, além de contribuir para o alcance de realizações em aspectos como índices de saúde, emprego e participação social, esse grupo de habilidades também nos ajuda na tarefa de alavancar as próprias competências cognitivas, apoiando o desempenho em tarefas que ainda não conseguimos superar, como na aprendizagem adequada de Matemática e Língua Portuguesa.

Precisamos construir com a escola um caminho para lidar com essas demandas e ainda incluir as questões dos novos tempos. Isso vai muito além de oferecer computadores ou tablets, ainda que a tecnologia seja um elemento importante. Mais do que um pedaço de inovação, o que precisamos é conseguir usar o imenso conhecimento sobre a aprendizagem para realmente transformar práticas e para avançar em direção à formação integral.

Vem daí a relevância de uma Secretaria de Educação como a de São Paulo assumir o protagonismo da definição de suas políticas educacionais com este olhar. Valorizando o desenvolvimento pleno dos jovens, a rede de ensino do Estado não mediu esforços para praticar o compromisso com a educação de qualidade. No Programa SuperAção Jovem, especificamente, contamos com a expertise e o engajamento valioso dos educadores que estão nas escolas, nas regionais, na sede da secretaria, e pudemos contribuir com essa construção de conhecimento relevante para a transformação que todos desejamos, incluindo os próprios estudantes.

No Instituto Ayrton Senna, há mais de 20 anos essa perspectiva tem sido aprimorada com a produção e disseminação de conhecimentos com base em evidências visando a educação integral. Além de reunir referências em ações de formação de professores, gestores e equipes escolares, esses conhecimentos também apoiam o desenho de políticas públicas e a formulação de práticas pedagógicas. Trabalhamos em conjunto com pesquisadores, educadores, gestores e formuladores de políticas públicas para desenvolver o aluno por inteiro, promovendo habilidades essenciais na escola e na vida.

Com a educação integral, a proposta é apoiar os estudantes na construção de uma bússola confiável e no desenvolvimento de habilidades para que eles possam se reconhecer como capazes, identificar caminhos possíveis, e conectar os aprendizados para a resolução de problemas de forma integrada às várias dimensões do ser humano. Esse conceito de educação integral propõe um modelo de desenvolvimento pleno, que gera transformações no papel do estudante e do educador e que pode acontecer tanto no tempo integral como no tempo parcial.

Ainda temos muito o que aprender e vivenciar para que todo estudante, independentemente de seu contexto de vida, tenha efetivamente acesso a uma educação com esse propósito, mas o Brasil já tem recebido contribuições expressivas nas mais variadas esferas. As experiências aqui reunidas integram a história de uma dessas iniciativas. É com muita satisfação que oferecemos esse registro, que é tanto uma sistematização dos principais aspectos envolvidos em uma proposta de educação integral quanto uma celebração de 14 anos de trabalho conjunto contando com o pioneirismo do Estado de São Paulo, que já abria portas para esse modelo inovador de educação em 2003. Se conseguimos avançar tanto, foi graças à disposição e envolvimento da rede de ensino em compactuar uma missão comum e efetivar um trabalho em que todos pudemos somar.

Em todo esse período, muitas vidas foram afetadas e importantes resultados foram vivenciados por quem se dedica à educação de qualidade. Contamos, nas próximas páginas, com a contribuição de algumas dessas pessoas, que representam um grande universo de equipes e estudantes, e simbolizam os diversos elos necessários para concretizar essa visão. Ao longo da publicação, o leitor poderá constatar que o Programa SuperAção Jovem conta com pontos estruturantes essenciais para implementar uma educação com essa envergadura, e esperamos que sirvam de inspiração e engajamento para todos aqueles que também querem avançar a fronteira de qualidade da educação!

Viviane Senna

Presidente do Instituto Ayrton Senna

*O jovem não é
problema,
o jovem é
solução.*



Apresentação

Esta história começou no ano de 2003. A história da parceria entre a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEE) e o Instituto Ayrton Senna e seu Programa SuperAção Jovem. Essa história esteve sempre voltada para a construção de uma educação integral nas diferentes iniciativas e projetos propostos pela Secretaria e que contaram com o apoio do Instituto em sua realização. É esta a narrativa que nos propomos a contar aqui!

Em seu início, a parceria se propôs a atuar sobre um pilar importante: a construção da ponte entre a escola e a comunidade. Isso ocorreu por meio do Programa Escola da Família, implementado pela SEE com o objetivo de ampliar o funcionamento da escola nos fins de semana com um conjunto de ações pedagógicas e recreativas capitaneadas por gestores, professores e universitários. O Programa SuperAção Jovem, do Instituto Ayrton Senna, somou a esse universo a força do potencial da juventude em propor, por meio de seu protagonismo, soluções para problemas reais na escola e na comunidade.

A partir de 2006, essa aventura adentra as escolas do Projeto Escola de Tempo Integral, sendo implementada em mais de 500 escolas no estado. A ação consiste em uma experiência inovadora de promover educação em tempo integral, em escala. Jovens e educadores dos anos finais do Ensino Fundamental (6º a 9º ano) vivenciam uma história e, à atuação dos jovens na solução de problemas por meio de projetos de sua autoria, são somados conteúdos de Matemática e Leitura e Produção de Textos, que constituem as réguas e compassos para estruturação intencional de uma educação integral nessas escolas – que traz com ainda mais foco o desenvolvimento de competências socioemocionais entre os estudantes.

Milhares de escolas aderem, a partir de 2010, à atuação do Programa SuperAção Jovem na parceria com o Programa Sala de Leitura, da SEE, cuja proposta está ancorada na premissa de transformar esse equipamento escolar

– a sala de leitura – em espaço verdadeiramente pedagógico e em um vetor de integração e de desenvolvimento e disseminação da leitura na escola. Com um modelo pedagógico estruturado e formação dos professores, esse espaço passa a ser então potencializado com muito protagonismo juvenil para apoiar a concretização dos objetivos da Secretaria no âmbito desse Programa.

Com essas iniciativas, o lema “O jovem não é problema, o jovem é solução”, acompanhado de estratégias pedagógicas pensadas para os jovens, ecoou por todo o Estado de São Paulo na voz e nas ações de milhares de escolas, educadores e estudantes que participaram dessa aventura pedagógica. Ao longo desse caminho, o legado que foi se construindo está na história de cada um que dele fez ou faz parte e que tem se desenvolvido nessa travessia.

Outros termos e falas como “fazer com a escola”, “construção conjunta”, “protagonismo de estudantes e professores”, “mobilização da comunidade escolar”, “iniciativa e colaboração”, “formação e acompanhamento”, “presença pedagógica”, “pedagogia por projeto” se tornaram práticas verdadeiras e intencionais que contribuíram para esse desenvolvimento amplo e conjunto. Essa parceria escolheu o fazer com todos, e isso tem sido levado e construído como propósito e como prática.



Tendo a educação para o desenvolvimento humano como princípio, o protagonismo como caminho e a autonomia como fim, foram construídas as bases para uma educação integral por meio de todas as iniciativas dessa parceria ao longo destes 14 anos. E isso foi realizado com a intenção de formação de jovens autônomos, solidários e competentes que possam trilhar seu desenvolvimento como pessoas, estudantes e futuros profissionais.

Esse objetivo só poderia se tornar realidade envolvendo todas as pessoas que vivenciaram e vivem essa história: estudantes, professores, gestores escolares e Diretorias Regionais de Ensino, profissionais da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo e do Instituto Ayrton Senna. Todos eles com suas competências, sua determinação, sua força, suas angústias e inquietações. Cada um e todos formaram uma verdadeira comunidade de sentido que compartilha esses princípios, conceitos e metodologias para fazer essa educação acontecer. Esta publicação traz a voz e a prática dessas pessoas e foi feita para elas.

Vivemos todos uma sensação de dever cumprido na caminhada até aqui. E o Instituto Ayrton Senna sente-se honrado por fazer parte dessa história, ao lado da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo e toda a sua rede de ensino. A todos que a construíram e a constroem, fica o nosso obrigado e a possibilidade de fazermos muito mais pela educação paulista e brasileira logo ali, na virada da próxima curva!





| CAPÍTULO 1

Trajетórias de uma parceria

◀ Voltar ao SUMÁRIO



Esperança

NIVEA

As Palavras Andantes
Galcaro
Eduardo
J. Borges

A Vida Inteligente

Reconhecer estudantes de 11 a 19 anos de idade fortemente envolvidos com a escola, motivados na realização de atividades escolares, participando de projetos de melhorias no entorno e com altas expectativas sobre seus próprios projetos de vida é um dos grandes objetivos de educadores em qualquer comunidade escolar. No estado de São Paulo, a parceria entre a Secretaria da Educação do Estado (SEE) e o Instituto Ayrton Senna conseguiu proporcionar esse cenário em muitas unidades de ensino, e as práticas reunidas nessas experiências favoreceram o aprendizado e a educação integral dos jovens, especialmente por meio do protagonismo juvenil.

Desde o princípio da parceria, que tem raízes com o Programa SuperAção Jovem no Programa Escola da Família (estruturado pela SEE), em 2003, e passando a ser implementado em outros espaços curriculares e com outros arranjos a partir de 2006 (**veja mais na linha do tempo**), o fio condutor das iniciativas sempre foi o desenvolvimento pleno do indivíduo. Isso significa que tanto os educadores quanto os estudantes envolvidos participam de atividades que são desenvolvidas com um olhar para as múltiplas dimensões de cada um: desde o domínio do conteúdo das disciplinas, passando por suas capacidades de mobilização de conhecimentos na hora de resolver um problema, até suas habilidades para trabalhar em equipe e colaborar com os colegas, relacionar-se e se desenvolver com os outros e as capacidades para reconhecer e lidar com seus próprios sentimentos e expectativas em busca de uma aprendizagem plena.

Nos 14 anos de construção conjunta dessa proposta, o Programa SuperAção Jovem também cresceu. Nesse período, tanto as equipes do Instituto Ayrton Senna quanto os profissionais da Secretaria da Educação contribuíram para aperfeiçoar metodologias e se desenvolver juntos na compreensão do papel da educação para a vida dos jovens, dos professores, gestores e decisores. Os efeitos dessas iniciativas são relatados por diversos atores envolvidos na trajetória da parceria, apresentados ao longo desta publicação, e a tônica principal desses relatos é a de reconhecer o poder da escola para a transformação de trajetórias de vida.

O próprio percurso do Programa SuperAção Jovem ganhou contornos diferentes: ao longo dos anos, houve mudanças que permitiram ao programa acompanhar os desafios apresentados e vividos pela Secretaria – o que foi configurando as demandas e entendendo o SuperAção Jovem como um programa capaz de dialogar com essa realidade da Secretaria, que também contou com o Instituto como parceiro para a superação das dificuldades em conjunto.

No programa Escola da Família, voltado para um trabalho de integração entre escola e comunidade, a unidade escolar permanece aberta nos fins de semana para oferecer espaço e atividades a toda a comunidade escolar e seu entorno. Para apoiar sua implementação, o Instituto criou o Programa SuperAção Jovem, por meio do qual os professores de referência das escolas recebiam formação, material didático e acompanhamento, para a realização de atividades com os jovens.

As atividades abrangiam várias áreas do conhecimento, em um itinerário formativo pensado para o desenvolvimento de projetos – e, por meio deles, apoiar a formação dos jovens protagonistas.

As equipes formadas pelos jovens participam de todas as etapas dos projetos: identificam uma situação na escola ou comunidade que precisa de uma solução, como a ausência de um espaço de convivência, de um grêmio escolar ou de uma rádio da escola. Após mobilizar os interessados no projeto e planejar a organização da proposta, os próprios jovens executam as ações, com supervisão do professor responsável, e identificam os resultados de cada etapa realizada e dos aprendizados envolvidos.

A participação do Instituto Ayrton Senna no Programa Escola da Família ocorreu até 2007, mas foi ali que se construíram ou se fortaleceram conceitos e práticas que são pilares do trabalho do Instituto, como o desenvolvimento de potenciais, o reconhecimento de que o jovem também é uma solução para os desafios da escola, o protagonismo juvenil como

Início da parceria entre o Instituto Ayrton Senna e a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, por meio dos Programas SuperAção Jovem e Escola da Família.



Início da parceria entre o Programa Escolas de Tempo Integral, nos 8 Fundamentos de Ensino Médio e Fundamental II. Formação de projetos com relação a proposta pedagógica pela equipe do Instituto.

Gravação do clip SuperAção. Acesse em [http://www.superacao.org.br](#)

“O videoclipe do “Rap da Superação” foi gravado com a participação de protagonistas do DTEI de Santa Catarina e São Paulo. O rap foi feito com a mensagem de que os jovens não são passivos, mostra o que é ser protagonista e vencer a escola e de si mesmo. É um convite para usar suas forças, trabalhar em Time, transformar sua realidade como estudante, pessoa e cidadão.”

Nathalie Brito – post da fan Page do SuperAção

2003

2004

2005

2006

1º Circuito de Juventude, com o objetivo de apropriação dos resultados conquistados por cada escola (etapa escolar) e pelo programa (etapa estadual).

No time determinação não faltou alegria e troca de experiências! A protagonista Luana Aparecida de Sousa Melo, da EE Prof. Firmino Ladeira (DE Mogi das Cruzes), subiu ao palco e convidou toda a galera para agitar no encerramento de etapa estadual do Circuito de Juventude.



ma Superação e as
º e 9º anos do Ensino
fessores e gestores
ca e acompanhamento

<http://bit.ly/2pd8NiU>

gravado em 2006 e contou
Distrito Federal, Santa
o objetivo de levar ao mundo
problema, são solução! A letra
r desafios na transformação
ara o jovem reconhecer suas
ua comunidade e crescer

erAção



Início da parceria com o Programa Sala de Leitura, mais uma experiência importante no que diz respeito à transformação da escola em espaço de leitura e de formação de leitores.

Alunos da Sala de Leitura da EE Manoel Bento –
Diretoria de Ensino de Araçatuba

2007

2008

2009

2010

Início da formação de formadores - Supervisores de ensino, PCNPs (Professores Coordenadores do Núcleo Pedagógico das Diretorias de Ensino) e PCs (Professores Coordenadores das escolas) - que passaram a realizar a formação em serviço dos professores e o acompanhamento dos resultados dos estudantes.



Início do trabalho com Experiências Matemáticas (foco em resolução de problemas) em todo o ciclo, incluindo o SuperAção Jovem nos 6º e 7º anos.

“A Matemática para muitos dos nossos alunos ainda é um bicho de sete cabeças, cheia de fórmulas, teoremas e abstrações. Trabalhar a Matemática via Resolução de Problemas é um meio de fazer com que ela esteja aplicada aos problemas reais e vivenciada por nossos alunos.”
Profª Mileni Delgado EE Eloi Lopes Ferraz Bagaçu DE Barretos



A etapa estadual do Circuito de Juventude passa a ser no formato digital, procurando valorizar o espaço virtual e as redes sociais para fins educativos.

2011

2012

2013

2014

A perspectiva dos Multiletramentos passa a nortear o trabalho do componente curricular Leitura e Produção de Texto.

“Hoje com o avanço tecnológico ampliam-se as modalidades de leitura que vão além da escrita, como a leitura de imagem, de símbolos, de cores, enfim, a informação e o conhecimento circulam de diferentes maneiras. Assim ampliar os multiletramentos é investir no aprimoramento de capacidades de leitura e produção textual.”
Profª Iraci Yoshiko Sasaki EE Manoel Bento da Cruz DE de Araçatuba.

Primei
todas a
Agente
egress

Equipes da Diretoria de Ensino responsáveis pelas Escolas de Tempo Integral realizam as formações básicas dos professores, com o apoio de material orientador (fio condutor) e das Agentes Técnicas dos Instituto Ayrton Senna, consolidando a transferência da formação e acompanhamento da parceria no âmbito da diretoria de ensino.

A abrangência do programa em 2016:



JOVENS ATENDIDOS

408.547



EDUCADORES CAPACITADOS

6.104



ESCOLAS

1.983



MUNICÍPIOS

540

2015

2016

2017

2018

ro bate papo online, com transmissão para as escolas parceiras, por meio de hangout, com os Técnicos do Instituto entrevistando jovens do SuperAção e audiência participativa.



Transferência da gestão do Programa SuperAção nas Escolas de Tempo Integral e Salas de Leitura para a equipe da CGEB (Coordenadoria de Gestão da Educação Básica) da Secretaria de Estado de Educação de São Paulo.

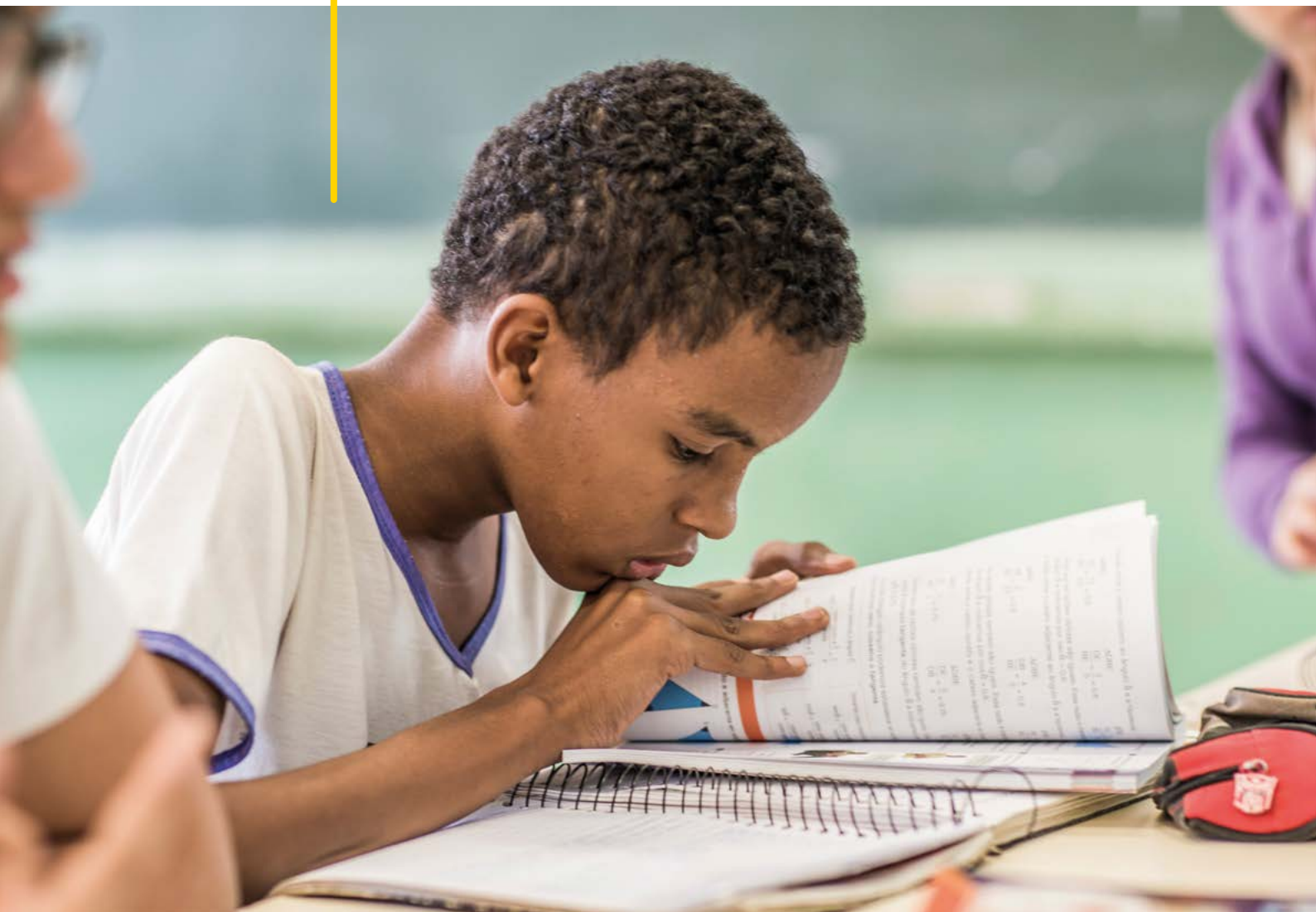
princípio e método pedagógico, além de uma estrutura de trabalho que conta com materiais elaborados com esses objetivos, momentos de formação e de acompanhamento com equipes de regionais e das escolas.

Quando se encerra a contribuição do Instituto Ayrton Senna no Programa Escola da Família, a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo convida o Instituto para ser um dos parceiros na construção de dois novos modelos pedagógicos: em 2006, nas ETIs (Escolas de Tempo Integral), e a partir de 2010, também no Programa Sala de Leitura.

Nesses dois modelos sempre se buscou proporcionar o desenvolvimento integral e a formação para o protagonismo, por meio de diferentes estratégias de atuação. Nas ETIs que têm parceria com o Instituto Ayrton Senna, alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) têm acesso aos princípios do Programa SuperAção Jovem em dois componentes curriculares obrigatórios: Leitura e Produção de Texto e Experiências Matemáticas. A criação e a realização dos dois componentes curriculares contaram com o apoio de especialistas do Instituto para a elaboração dos materiais didáticos para alunos e professores, bem como dos materiais de apoio para a formação das equipes escolares e regionais.



Já no Programa Sala de Leitura, a parceria envolve estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, que optam por participar de atividades no contraturno escolar realizando projetos na sala de leitura – o espaço que reúne um acervo de publicações didáticas, literárias e demais, na escola. Os projetos envolvem formas de promoção da leitura e de articulação com as demais aprendizagens que ocorrem na sala de aula. Os professores que participam da parceria também recebem materiais de apoio, ações de formação e acompanhamento.



Mais informações sobre os modelos

Escola de Tempo Integral

Na parceria com as Escolas de Tempo Integral, o SuperAção Jovem apoia o trabalho em dois componentes curriculares: Leitura e Produção de Texto e Experiências Matemáticas.

Os itinerários formativos, material didático para professores e estudantes, estão baseados nas seguintes metodologias: Aprendizagem Colaborativa, Presença Pedagógica e Protagonismo Juvenil, na concepção de educação integral e no desenvolvimento de competências para o século XXI.

A proposta para Leitura e Produção de Texto está organizada, ainda, na perspectiva dos multiletramentos, ou seja, trabalha textos de diferentes esferas e gêneros, diversos em linguagens, mídias e valores culturais representados, considerando a linguagem como interação e os textos como parte de produções discursivas.

A proposta de Experiências Matemáticas está estruturada na perspectiva da resolução de problemas tanto de matemática como reais. Em matemática a resolução de problemas tem como objetivo instrumentalizar a forma de pensar dos estudantes, capacitando-os a compreender e interpretar situações, apropriar-se da linguagem matemática, argumentar, analisar, avaliar, tirar conclusões próprias, tomar decisões e fazer generalizações. Os problemas reais – projetos – representam excelente oportunidade para o desenvolvimento de competências cognitivas e socioemocionais e propiciam aos estudantes relacionar diversos campos do saber e compreender que o conhecimento é uma construção tanto individual quanto coletiva.

Sala de leitura

Para a parceria do SuperAção Jovem com as Salas de Leitura, foi desenvolvida uma proposta pedagógica de forma a caracterizá-las como um espaço de fortalecimento da aprendizagem escolar – ampliando o conceito de biblioteca escolar – favorecendo a formação de alunos protagonistas, leitores, produtores de texto.

Os dois itinerários formativos – Desafio de Leitura e As 9 Atitudes que Impactam a Sala de Leitura – estão baseados nas seguintes metodologias: Multiletramentos, Aprendizagem

Colaborativa, Protagonismo Juvenil, na concepção de educação integral e no desenvolvimento de competências para o século XXI.

As 9 Atitudes que Impactam a Sala de Leitura

O objetivo dessa proposta é oportunizar que professores e alunos pratiquem ações voltadas para o acolhimento, a criatividade, o convívio, a organização, a liberdade, a mobilização, a divulgação e a avaliação, a fim de ajudar a equipe escolar a configurar a sala de leitura como um espaço de integração na escola, que atraia os estudantes a serem frequentadores do lugar, a praticarem a leitura e a produção textual, a mobilizarem a comunidade escolar para a leitura, além de promover o convívio entre livros, leitores e histórias.

O Desafio de Leitura

O objetivo dessa proposta é promover oportunidades para os jovens atuarem como protagonistas, praticando leitura e a produção textual na perspectiva dos multiletramentos, mobilizando a comunidade escolar para ler mais e melhor e desenvolvendo competências cognitivas e socioemocionais.

- 1 MOBILIZAÇÃO**
Mobilizar estudantes e professores para se tornarem melhores leitores.
- 2 INICIATIVA**
Pensar em ideias de ações protagonistas a favor da causa da leitura na escola.
- 3 PLANEJAMENTO**
Elaborar, por escrito, um planejamento para as ações escolhidas.
- 4 EXECUÇÃO**
Colocar em prática, com autonomia crescente, as ações planejadas.
- 5 AVALIAÇÃO**
Incorporar a avaliação das ações de execução realizadas e o desempenho nelas, sistematicamente.
- 6 APROPRIAÇÃO DOS RESULTADOS**
Refletir e compartilhar as aprendizagens desenvolvidas.

A possibilidade de atuar em diferentes modelos de implantação levou o Programa SuperAção Jovem a demonstrar uma plasticidade e uma capacidade de dialogar com diferentes realidades e desafios escolares e de potencializar cada uma dessas formas de acesso com um mesmo trabalho formativo de jovens, professores e gestores. Valendo-se de portas de entrada variadas, o SuperAção Jovem sempre proporcionou o envolvimento das pessoas, a participação ativa dos jovens e a construção da autonomia. Alguns dos pilares dessa construção, em todos os modelos, são:

- Reconhecimento do potencial de todos os jovens como ser capaz de mudar e de gerar transformações ao seu redor;
- Estabelecimento de diálogo com os interesses juvenis, como caminho para que a escola e a educação tenham mais significado para a vida dos estudantes;
- Fortalecimento de competências socioemocionais em vivências direcionadas para a participação em ações coletivas, pelo bem comum;
- Criação de oportunidades para o desenvolvimento de todos os envolvidos, com apoio de métodos e ações intencionais para que o protagonismo e a autonomia não dependam apenas de uma tendência ou esforço individual, e sim de um caminho coletivamente construído;
- Integração com a aprendizagem escolar, que passa pelo empoderamento do estudante e pela corresponsabilidade de todos na aprendizagem, a melhoria da aquisição e mobilização de componentes curriculares e avanços no desempenho.

A seguir, o depoimento do jovem Hélio Lima traz algumas reflexões sobre como esses pilares, quando colocados em prática em ações estruturadas e com acompanhamento, proporcionam a educação integral.



Depoimento inspirador

Hélio Lima participou do Programa Escola da Família na Escola Estadual Professora Therezinha Closa Eleutério, na Diretoria de Ensino Guarulhos Sul. Hoje é bailarino, coreógrafo e responsável por iniciativas de ensino de dança com crianças e jovens. No depoimento a seguir, ele conta como foi sua trajetória entre um aluno que detestava a escola e o jovem que se realizou construindo iniciativas transformadoras na escola e com a comunidade.

Trajectoria

Comecei a participar do Programa SuperAção Jovem em 2004, quando ele acontecia nos fins de semana dentro do Programa Escola da Família. Eu não era um bom aluno, era um aluno ruim mesmo, não queria saber de estudar. E o espaço era de uma comunidade, uma periferia, que hoje está sendo revitalizada, mas era um espaço onde a criminalidade estava muito acessível. Isso fazia parte do nosso cotidiano. Um educador me convidou para participar do Programa Escola da Família e me surgiu o convite para **participar também do SuperAção Jovem. Ali, eu descobri que eu podia ser muito mais dentro daquela comunidade.** O SuperAção elevou minha

autoestima e passei acreditar que eu e meus amigos poderíamos protagonizar algo maior na comunidade. Entendi que eu era maior que aquele estudante que eu estava sendo.

Eu era um mau exemplo na escola, e esse professor, que também era coordenador da escola na época, me conhecia, sabia da minha história, que eu não suportava ficar na escola, não gostava de assistir às aulas, achava meio maçante aquilo... eu era um aluno totalmente fora do eixo, praticava bullying e tratava com indiferença alguns professores. Era rotina meus pais serem chamados à escola. Mas esse professor me convidou e decidi apostar em mim; com ele, tinha duas professoras que também me trouxeram para esse ambiente da escola e me fizeram entender que **a escola é minha, não é só um lugar onde vou estudar.**

No time do SuperAção, tudo acontecia dentro da escola, a gente fazia as ações durante a semana, e no sábado e domingo uma conversa, uma reflexão de como foi a semana. Aí foi só aumentando o número de jovens que queriam participar. A gente conseguiu revitalizar a escola, pintar muros, as salas, fazer uma reforma na quadra, tudo isso com auxílio e apoio da comunidade, que entendeu que o programa era uma via de transformação. **Com o projeto, a gente conseguiu compor com a comunidade e trazê-la para dentro da escola.**

Antes do SuperAção não tinha grêmio, os alunos não se manifestavam. Pensar o grêmio foi justamente por causa do SuperAção. A gente entendeu que só sábado e domingo era muito pouco, a gente queria se apropriar mais da escola durante a semana. O grêmio é essa linha de aproximação com a escola.

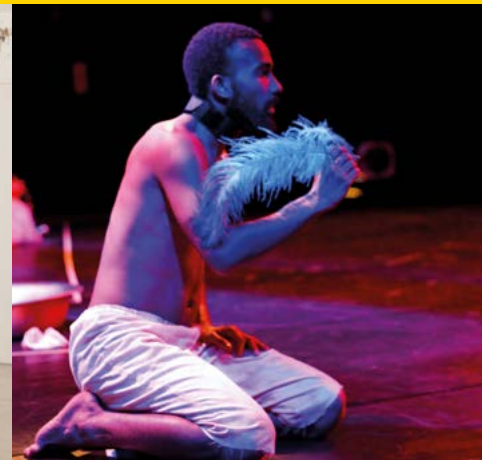
Minha mãe então falava: 'Agora você vive na escola!'. **Eu percebi que era o lugar onde eu gostava de estar.** A gente entendia que o grêmio, como uma instituição da escola, tinha de estar sempre ali com os alunos, em todos os horários, se reunindo com representantes de sala e de professores. Então comecei a passar mais tempo dentro da escola, **foi como comecei a refinar essa minha vontade de ser educador.**

Contato com juventudes

Esse momento da juventude é um momento de euforia, de 'eu quero fazer tudo'. E vai ter momentos que esse jovem vai achar que pode fazer tudo, que ele é o centro dessas coisas, é o momento de descobrimento desse universo. Por causa disso é que acredito que a sociedade imagina que o jovem vai fazer tudo de errado, e aí vem 'o jovem é um problema'. **Mas o que é dado a esse jovem de possibilidades e ferramentas para que ele possa se desenvolver?**

A gente tem de entender que, se ele está naquele período de descoberta, **a melhor descoberta que a gente pode dar a ele é ele se descobrir como um potencial, como solução**, não só para ele, mas até mesmo para o contexto onde está inserido. Eu lembro que na época eu vivia em um lar muito tumultuado e comecei a pensar em ser uma solução também dentro da minha casa, no meu pequeno espaço. Então eu conversava com minha mãe, meu pai, contava da minha trajetória na escola e minha mãe e meu pai começaram a entender a **transformação daquele aluno ruim para um aluno que começou a ser um espelho para os outros jovens.**

A escola tem de ser um ambiente em que o aluno entenda que ali é um espaço onde ele pode se transformar, um espaço de múltiplas ações, e acho que tem, sim, mais do que nunca, pensar em como é que posso dar ferramentas para isso. A escola é um espaço para o aluno se desenvolver mesmo, ele está lá não só para aprender uma matéria, mas para aprender quem ele vai ser e



entender que quando finalizar aquele período da escola ele vai chegar a um ponto e poder falar: ‘já sei o que quero ser, porque a escola me deu essas ferramentas para escolher’.

Eu digo que **o SuperAção me deu ferramentas para eu ser quem sou hoje**. Quando quero desenvolver um projeto, uma coisa até mesmo pequena, eu penso primeiro em como posso fazer, coloco no papel, vou criando situações, vou pensar qual o objetivo, qual o valor que isso vai ter, não só para mim, mas também para outras pessoas. E não é ser protagonista pensando só em uma única pessoa. Não, tenho milhares de outros protagonistas que estão ali comigo nesse elo.

Hoje eu sou educador, trabalho com danças, todas as temáticas de dança, e também organizo um curso de formação em dança na comunidade para jovens e crianças, não para profissionalizar, mas para oferecer uma formação em que as pessoas se sintam cidadãos mais participantes da sua comunidade. Tenho um projeto que foi formado lá no tempo do SuperAção Jovem, quando a gente desenvolveu um projeto de dança chamado Sonhos Equilibristas. Assim como acreditaram em mim no passado, hoje é minha tarefa acreditar na nova juventude, no que eles têm de potencial para ser desenvolvido. **O professor acaba se tornando essa referência para a gente também querer ser educador**, a ideia de ser educador é fazer esse aluno se espelhar na gente e entender que ele também tem potencial.

Eu digo que o SuperAção me deu ferramentas para eu ser quem sou hoje. Quando quero desenvolver um projeto, uma coisa até mesmo pequena, eu penso primeiro em como posso fazer, coloco no papel, vou criando situações, vou pensar qual o objetivo, qual o valor que isso vai ter, não só para mim, mas também para outras pessoas.

Profissionais protagonistas

Além de contar com as ações específicas do SuperAção para o Projeto Escola de Tempo Integral (ETI) e o Programa Sala de Leitura, como se verá nos próximos capítulos, é importante reconhecer que a concretização dessa parceria ao longo de todos esses anos ocorreu por meio de uma cadeia de profissionais altamente participantes, que se articulam durante todo o ano, tanto para a organização e planejamento das ações quanto para a realização das atividades no dia a dia das escolas.

Para buscar o alinhamento de todos os envolvidos sobre os principais conceitos trabalhados nas atividades e a importância das metodologias desenvolvidas para levar esses conceitos à prática, o Instituto desenhou uma sistemática de acompanhamento que é colocada em prática pelos profissionais parceiros nas escolas e nas regionais de ensino. Com essa sistemática, os profissionais estruturam o trabalho de forma a evidenciar os resultados de processos e apoiar a correção de rotas ao longo do ano. Isso inclui formação em serviço desses profissionais, uso de indicadores e formulários que orientam a observação e a coleta de dados, sua análise e a tomada de decisões.

Na etapa de análise, esses dados apontam para conquistas e pontos de atenção, subsidiando o planejamento de novas ações que possam responder às dificuldades e auxiliar na efetividade da parceria. Dessa forma, os responsáveis pelo programa elegem o que priorizar nas próximas ações de formação, usando as evidências recolhidas nas escolas para compor a pauta dos encontros formativos, reuniões de gestão e outros momentos de planejamento.

As diferentes estratégias elaboradas para o acompanhamento da implementação do programa nas escolas parceiras são escolhidas pelas equipes de acordo com cada contexto, em diálogo com as necessidades de

cada escola, buscando eleger as práticas mais efetivas e viáveis e respeitando a autonomia das equipes envolvidas, que possuem espaço para definir os rumos de acordo com suas próprias práticas e experiências.



Estratégias para acompanhamento

Uma das estratégias mais utilizadas para a sistemática de acompanhamento do SuperAção Jovem é a **visita às escolas**. Nela, o profissional de acompanhamento coloca-se como um apoio para o desenvolvimento das ações a partir das observações feitas em sala de aula ou na sala de leitura, realiza um diagnóstico e oferece uma devolutiva para o professor ou equipe escolar.

A **formação continuada** também é uma estratégia de acompanhamento e pode ser realizada em diferentes formatos e modalidades, dependendo do perfil dos professores e das características físicas e estruturais das escolas e da Diretoria de Ensino. É um momento para que os professores ampliem a compreensão das propostas pedagógicas do Programa. O fio condutor das formações é construído com base nos dados e conversas entre as equipes, nas dúvidas apresentadas pelos próprios professores e no reconhecimento de boas práticas já realizadas, estimulando a interlocução constante entre todos.

Além disso, **ações realizadas a distância**, como telefonemas, uso de plataformas visuais e, mais recentemente, criação de grupos em aplicativos de celular, foram importantes estratégias para mapear o rumo e ritmo do trabalho em cada unidade escolar, identificar conquistas e desafios enfrentados, alinhar os conceitos e práticas da proposta, combinar próximos passos e compartilhar materiais para estudo.

A partir da conjunção de princípios que embasam todas as ações, como o de protagonismo juvenil e de educação integral por meio do desenvolvimento de competências, com apoio das metodologias pensadas para favorecer esses princípios em cada atividade, e da sistemática de acompanhamento em todos os elos envolvidos na parceria, o Programa SuperAção Jovem se concretizou nestes 14 anos. Essas experiências reunidas na trajetória conjunta possuem, assim, caminhos para inspirar educadores e todos aqueles que acreditem no potencial do jovem como parte da solução para os desafios da vida – na escola e fora dela.

Nos próximos capítulos, serão detalhados os princípios de educação integral e protagonismo juvenil que norteiam todas as ações pedagógicas, de formação e de acompanhamento. Em seguida, algumas das metodologias usadas para isso, como a presença pedagógica, a educação por projetos e aprendizagem colaborativa. Ao final, serão apresentados alguns dos resultados obtidos em escolas que desenvolveram esse programa, bem como mais informações sobre a estratégia com a qual a Secretaria se apropria do modelo pedagógico e de implementação do Programa SuperAção Jovem. O compartilhamento tem sido realizado por meio do licenciamento dos materiais didáticos e cursos e com um processo de formação de equipes, e aponta para o futuro desta parceria como parte das estratégias da rede de ensino para atingir resultados de aprendizagem com os alunos.



| CAPÍTULO 2

A educação integral praticada no dia a dia





Durante mais de dez anos, os jovens que tiveram acesso ao Programa SuperAção Jovem puderam vivenciar trajetórias diversas, mas todos tinham oportunidades educativas com um propósito comum: a formação integral. Seja nas atividades do Programa Escola da Família, seja nos componentes curriculares das Escolas de Tempo Integral, seja nos desafios da Sala de Leitura de escolas parceiras do Instituto Ayrton Senna, a grande motivação de todas as ações sempre foi a de **articular o ensino ao desenvolvimento de competências que promovem o protagonismo e contribuem para a educação integral.**

Essa perspectiva de educação não se relaciona apenas com a quantidade de tempo que se passa na escola, mas com a qualidade dos processos de ensino-aprendizagem. Tudo o que se oferece aos estudantes ganha o sentido de apoiar o desenvolvimento pleno, em **todas as dimensões da formação do jovem.** Portanto, ele deixa de ser visto como um mero receptor de conteúdo e passa a ser considerado **alguém que mobiliza conhecimentos e busca se autoconhecer, relaciona-se com as outras pessoas e procura alcançar objetivos** na vida, tanto no âmbito escolar quanto fora dele.

Gerar oportunidades para o estudante conhecer e desenvolver seu próprio potencial, colaborar com grupos diversos e pensar criticamente para se posicionar no mundo **exige que se supere o ensino conteudista, fragmentado e desconectado da vida dos estudantes.** Por isso, a educação integral como fundamento pedagógico procura construir uma escola que faça mais sentido aos jovens, porque não se isola do restante da vida.

E é na escola e na vida que o estudante vai ser demandado a fazer escolhas: no mundo em que as informações circulam de forma veloz, intensa e por múltiplas fontes, em que as oportunidades de trabalho ganham novos contornos com a criação de funções que não existiam até recentemente, em que os desafios de convivência se tornam cada vez mais complexos. **Nesse mundo, a educação deve permitir as aprendizagens conhecidas como os “quatro pilares da educação”: aprender a ser, a conviver, a conhecer e a fazer** (Relatório Jacques Delors, organizado pela Unesco, no livro Educação Um Tesouro a Descobrir.). São elas, em conjunto, que favorecem a construção da autonomia.

Uma escola de qualidade para o século XXI requer uma visão de educação integral que inclua e vá além da dimensão do desempenho acadêmico. O propósito maior é de que os jovens possam ser formados por inteiro naquilo que são, no modo como convivem, como se relacionam com a escola, o conhecimento e o mundo do trabalho. Para isso, é preciso que as ações educativas invistam fortemente no desenvolvimento da autonomia.

Ao longo dos anos, o Programa SuperAção Jovem partiu dessa perspectiva para a construção de práticas que busquem efetivar aprendizagens como essas. Promover o desenvolvimento integral, nas diferentes propostas do programa, passa por conferir às chamadas competências socioemocionais (relativas às capacidades de lidar com emoções, relacionar-se com os outros e a coletividade e estabelecer e buscar atingir objetivos) a mesma atenção que sempre se dedicou aos aspectos cognitivos (relacionados ao raciocínio, à memorização, à abstração, à generalização etc.).

Para isso, o Programa procura explicitar os aspectos socioemocionais presentes nas oportunidades educativas, tornando-os objetivos intencionais de todas as práticas. Desse modo, as competências passam a nortear as inovações no currículo e no cotidiano da escola, nas metodologias usadas pelos professores, nas ações de formação e acompanhamento realizadas por coordenadores pedagógicos, gestores escolares e equipes de secretarias, na resolução de problemas na escola – todos esses são aspectos envolvidos na proposta de educação integral.





O que são “competências socioemocionais”?

Competências socioemocionais são entendidas como a capacidade de mobilizar, articular e colocar em prática conhecimentos, valores, atitudes e habilidades para lidar com emoções, relacionar-se com as outras pessoas e com desafios para alcançar objetivos de vida e tomar decisões responsáveis.



Há inúmeras competências que se enquadram nessa definição e formas variadas de organizá-las para melhor compreendê-las. **As competências cognitivas e as socioemocionais relacionam-se estreitamente entre si, ou seja, não se desenvolvem de forma isolada, e sim articuladas**, em competências como autoconhecimento, resolução de problemas, pensamento crítico, criatividade, colaboração, comunicação, curiosidade, responsabilidade, abertura, entre outras.

A tentativa de explicitar essas competências e nomeá-las, ainda que sem conseguir expressar toda sua complexidade, é necessária pela relevância que têm assumido na aprendizagem e conquistas futuras dos estudantes. Pesquisas revelam que **alunos que desenvolveram competências socioemocionais aprendem melhor e podem obter realizações importantes ao longo da vida**, como a continuidade dos estudos, a construção de relacionamentos estáveis, a realização profissional e o autocuidado. Além disso, os estudos indicam que é possível desenvolver essas competências em diversos momentos da vida – da infância à maturidade, porque **elas são maleáveis e podem ser aprendidas**.

Ver, entre outros: SANTOS, D.D., PRIMI, R. Desenvolvimento Socioemocional e Aprendizado Escolar. Relatório Técnico, 2014; e BARROS, P.B., COUTINHO, D., GARCIA, B. & MULLER, L. O desenvolvimento Socioemocional como antídoto para a desigualdade de oportunidades. Relatório técnico INAF 2016. São Paulo: Instituto Ayrton Senna e Instituto Paulo Montenegro, 2016.

Referência em educação

Uma das referências para as bases dessa concepção de educação foi o professor Antônio Carlos Gomes da Costa. Tendo atuado tanto na Educação Básica quanto no Ensino Superior, ele foi presidente do Centro Brasileiro para Infância e Adolescência e diretor-presidente da Modus Faciendi, sua empresa de consultoria. Participou do grupo de redação do Estatuto da Criança e do Adolescente e da articulação política para a aprovação do texto no Congresso Nacional.

No Instituto Ayrton Senna, Antônio Carlos Gomes da Costa atuou como consultor por cerca de 15 anos e foi parceiro na formação de algumas das principais concepções sobre qual deve ser o propósito da educação na visão do Instituto. Sua perspectiva positiva sobre os jovens inverte a lógica da “ausência”, que relaciona os jovens apenas à falta de interesse, de motivação, de engajamento e de competência.

Outro pilar para o desenvolvimento desse trabalho foi a concepção da presença pedagógica, que será detalhada no próximo capítulo e que, na perspectiva de Antônio Carlos, não se confunde com relações de amizade ou “familiares” entre o educador e o estudante, nem com alguma característica associada a um “dom”, que seria inato apenas a alguns educadores e ausente em outros. Ao contrário, a presença pedagógica é tida por ele como um método que todo professor pode desenvolver de modo a promover e compartilhar com o estudante uma presença significativa e educadora.

Ao longo dos anos, esses princípios foram sempre revisitados pela equipe do Instituto ao lado do educador, até pouco tempo antes de sua morte, em 2011. Ainda hoje, sua obra é referência para princípios, conceitos e métodos que norteiam ações do Instituto voltadas à juventude em uma perspectiva de empoderamento e desenvolvimento humano. Partindo das contribuições dele, a própria prática das parcerias passou a acrescentar novas abordagens e conhecimentos gerados pela experiência dos educadores, ajudando a compor e desenvolver os modelos de parcerias.

Educação que transforma vidas

Em Aspásia, município do interior de São Paulo com cerca de 2 mil habitantes, o jovem Felipe Manoel Porto conta que cresceu em um ambiente de poucas inovações, mas despertou para ousar fazer coisas diferentes quando se engajou nas atividades do Programa SuperAção

Jovem. Um dos resultados dessa transformação foi o autoconhecimento, que, ao lado do apoio essencial da família e de outras ações da escola, levou à aprovação em seis vestibulares de universidades públicas para o curso de Medicina, que hoje ele cursa na USP (Universidade de São Paulo) de Ribeirão Preto.

Quando cursava o Ensino Fundamental na Escola Estadual José dos Santos, uma ETI (Escola de Tempo Integral) parceira do Programa SuperAção Jovem, Felipe conheceu a metodologia de trabalho que o estimulou a uma formação plena. “Toda minha interação com SuperAção foi mediada por professores que me respaldavam com todo o necessário ao bom desenvolvimento. A proatividade, disposição e resiliência de cada um deles me marcaram para que eu carregue o mesmo em mim e, mesmo tendo esses professores como referência para a aquisição de conhecimento, fui capaz de despertar meus próprios métodos de aprendizagem”, conta.

Segundo ele, a participação nas atividades levou a uma mudança do perfil tímido para o desenvolvimento de um jovem cheio de expectativas e energia. “Tudo isso me deu propulsão em direção a meus sonhos. Participei de muitas ações com o Instituto Ayrton Senna, ganhei da Secretaria da Educação



do Estado uma bolsa de intercâmbio para o Reino Unido e alicersei minha autoestima”, relata. Para ele, esse processo foi fundamental, inclusive, para a escolha de carreira a seguir.

“Sempre tive facilidade com Exatas, participei de Olimpíadas de Matemática e consegui medalhas, por isso a afinidade com a área estava me levando a achar que devia fazer Engenharia. Mas, depois de refletir, decidi que gostaria mesmo de cuidar de ‘gente’ e passei a ficar convicto de que as habilidades interpessoais que adquiri seriam exercidas ao máximo na vida médica. Usei esse estímulo como propulsor para o árduo preparo para o vestibular”, destaca o jovem.

Hoje, como calouro da Faculdade de Medicina, ele diz colocar em prática muitas das competências e o protagonismo que desenvolveu nesse período, especialmente ao participar de um grupo de humanização hospitalar voltado à terceira idade. “A educação carrega em sua essência ser dinâmica, ter caráter transformador. Reconheço o papel do conteúdo na formação do indivíduo, mas reconheço com ainda mais intensidade o papel da formação humana, que transcende a decoreba. O jovem que cresce nela se torna um transformador de realidades, inclusive, da sua própria realidade!”



Família engajada

A transformação que Felipe experimentou na sua trajetória também foi sentida por sua mãe, tanto ao notar o desenvolvimento do filho quanto em sua própria relação com a educação. Alessandra Manoel Porto, professora de Língua Portuguesa desde 1993, foi designada para ser coordenadora pedagógica da escola (no Estado de São Paulo, o coordenador pedagógico é chamado de professor coordenador) ao completar dez anos de atuação. “Sou exemplo vivo de que a educação muda a vida de uma pessoa: vim de uma família extremamente humilde e jamais, embora muito determinada, imaginei alcançar tantas conquistas como avalio ter conseguido”, diz Alessandra.

Na visão dela, o papel de uma professora coordenadora passa a ter mais dinamismo em uma Escola de Tempo Integral, uma vez que há ocupação simultânea de vários espaços na escola, mais atividades com envolvimento dos alunos e novas atribuições para formação e acompanhamento de professores. Para atender aos diferentes níveis de demanda da escola, ela revisou suas habilidades de gestão do tempo e organização, bem como se motivou a estudar.

“Por meio do acompanhamento em sala de aula, previamente combinado com o professor, nas visitas e nos depoimentos dos alunos, procuro observar pontos que são fortes e que têm dado certo na prática de alguns docentes, como também as fragilidades. Esses pontos são retomados como reflexão, de forma articulada aos objetivos da aula”, relata a professora coordenadora. Segundo Alessandra, uma formação marcante realizada por ela foi justamente a leitura compartilhada de um texto sobre competências socioemocionais e a reflexão, com os professores da escola, para que pensassem em ações simples que poderiam mudar a realidade dos estudantes que teriam prejuízos no desenvolvimento cognitivo em decorrência de situações envolvendo as competências socioemocionais.

Com as ações da parceria, Alessandra passou a perceber a corresponsabilidade de todos na formação do aluno, no acompanhamento seja da aprendizagem seja das relações interpessoais. De acordo com ela, essa educação “é mais desafiadora, porque vai além do que trazem os livros”, e leva o professor a observar que a gestão emocional também cria condições favoráveis para a construção do conhecimento.

“Antes, discutíamos, sim, as dificuldades dos alunos, mas não entendíamos que era possível ensinar algo sobre esses aspectos. Confesso que a concepção das competências veio ao encontro de alguns anseios que já se acumulavam em mim: queria entender por que tal aluno era tão esperto, mas não conseguia se organizar; outros não mantinham bom relacionamento interpessoal e, embora com facilidade na aprendizagem, não conseguiam realizar atividades coletivas”, lembra Alessandra. “A pedagogia do Instituto tem sido aliada e mantida até por aqueles que já não mais atuam nos componentes do projeto, e tem sido eficaz.”

Entre as aprendizagens reunidas durante sua participação em ações do Programa SuperAção Jovem, Alessandra destaca a importância de compreender que as decisões devem ser tomadas em cumplicidade entre aluno, gestão e docentes, com o objetivo de construir intervenções para que a escola seja um lugar onde o aluno se sinta bem. “Temos grandes conquistas quando trazemos o assunto protagonismo: quando o aluno consegue desenvolvê-lo na escola, ele fica fortalecido, seguro. E, mesmo que se fragilize, sabe como buscar ajuda adequada.”

Educação que transforma equipes

Quando o foco da escola se volta para o desenvolvimento integral dos estudantes, todo o conjunto de profissionais envolvidos na comunidade escolar é da mesma forma motivado a se transformar. Assim, a perspectiva da educação integral também convoca professores e gestores a atuarem com protagonismo e a investirem no seu desenvolvimento pleno, tanto nas escolas quanto nas regionais de ensino.

As práticas de gestão nas escolas, por exemplo, passam a contemplar novas formas de apoio permanente ao professor. Para isso, também é fundamental que nas Diretorias de Ensino se fortaleçam as figuras dos professores coordenadores dos Núcleos Pedagógicos e dos supervisores de ensino, a fim de garantir o acompanhamento e a mudança de paradigma entre equipes – em cada escola e na gestão regional.

Para a supervisora de ensino Neuza Takaki, integrar a parceria com o Instituto Ayrton Senna foi uma forma de aderir a esse novo paradigma e contribuir para que crianças e jovens das escolas públicas se formem num projeto voltado para a construção e realização de novos cenários educativos.



“Com a colaboração e o apoio da equipe do Instituto, construímos um itinerário de formação e acompanhamento de professores e gestores escolares, possibilitando a todos os envolvidos conhecer e se apropriar dos referenciais teóricos e metodológicos do Programa SuperAção. Propiciamos formação continuada e sistemática, com possibilidades de compreender o significado da formação integral dos alunos”, afirma Neuza.

Ela, que iniciou sua trajetória profissional como professora primária estagiária em 1974, foi nomeada diretora de escola em 1985 e designada para supervisora de ensino na Diretoria de Jales em 1998, diz que a parceria também contribuiu para sua atuação. “Em 2007 assumi os trabalhos de formação e acompanhamento das Escolas de Tempo Integral por meio do programa desenvolvido nos componentes curriculares da parte diversificada do currículo”, disse. “Sou grata pela parceria, que muito contribuiu para ampliar minha percepção relativa ao trabalho com educação por projetos e sua interface com a resolução de problemas na educação integral.”



A Professora Coordenadora de Núcleo Pedagógico (PCNP) Fernanda Machado Pinheiro conta que a Diretoria de Ensino de Jales possui dez escolas no modelo de Tempo Integral, das quais nove são parceiras do Programa SuperAção Jovem em 2017. Nessas unidades, o acompanhamento das ações inclui o propósito de consolidar a implementação de oportunidades educativas para o desenvolvimento integral dos alunos.

A vivência da observação de aula nos permite perceber a necessidade de desenvolver o protagonismo dos alunos para além do campo das ideias.



“Trabalhar com uma proposta de educação integral possibilita refletir e aprimorar nossas práticas de acompanhamento e formação continuada. Aprendemos que, para formar e acompanhar professores para uma prática centrada no desenvolvimento humano, é preciso exercitar a abertura de saber ouvir, compreender e aprender com os colegas”, reflete Fernanda. Segundo ela, a autoavaliação se torna um momento de reflexão para os formadores e demais envolvidos, e ganha novos sentidos. “Buscamos fazer desta ação um exercício de presença pedagógica, construindo uma relação de confiança”, explica, indicando que nas formações os professores podem praticar em conjunto os mesmos processos que utilizarão depois, em sala de aula.

Por se tratar de uma proposta formativa de educação integral, o acompanhamento tem um formato diferenciado, na visão de Fernanda. “Esse trabalho é essencial para identificarmos as potencialidades e algumas lacunas que podem ser tomadas como foco de estudo para todos. As visitas das equipes do Instituto, com uma prática de observação de aulas mais qualificada, contribuíram significativamente para o aprimoramento do nosso acompanhamento com foco na formação em serviço”, diz.



Para ela, observar a sala de aula com um roteiro estruturado para registrar o trabalho realizado pelo professor e as habilidades adquiridas pelos alunos, possibilita uma compreensão da prática pedagógica e um subsídio nas tomadas de decisão, sempre com objetivo de ajudar os professores a aprimorarem as suas práticas para a educação integral. Dessa forma, a observação se torna uma ação fundamental para orientar as equipes para o desenvolvimento de competências socioemocionais.

“A vivência da observação de aula nos permite perceber a necessidade de desenvolver o protagonismo dos alunos para além do campo das ideias. Partindo da premissa de que para formar alunos protagonistas é preciso ter professores protagonistas, também conduzimos a formação trazendo os professores para o centro de nossos objetivos, fazendo o exercício pelo exemplo, com a visão de que também acreditamos no potencial do professor para transformação da sua prática, na vivência da aprendizagem colaborativa”, relata a educadora.

De acordo com ela, nas formações são criadas oportunidades para momentos de vivência. Assim, os professores têm a oportunidade de exercitar competências como a iniciativa, a cooperação, a comunicação e a liderança, entre outras, envolvendo-se em torno de um objetivo comum, valorizando a importância da mediação e das intervenções do formador numa proposta de aprendizagem colaborativa.

“Os materiais sugeridos pelo Instituto são norteadores das discussões e estudos, e colaboram de forma significativa para nossa própria formação. Aprendi muito com o Programa e, ao longo de todos estes anos de parceria, conquistamos avanços significativos”, comemora Fernanda.



| CAPÍTULO 3

Juventudes construindo soluções



Como fase repleta de mudanças, descobertas e necessidades de posicionamentos e de identificação, a adolescência é um momento do desenvolvimento que convida a ir além da particularidade de questões pessoais e familiares da infância para também se inserir de maneira concreta em questões sociais de seu tempo, seu contexto e sua geração. São muitas as consequências desse momento da vida para o contexto da Educação, e o SuperAção Jovem leva tudo isso em conta, sintetizando sua perspectiva na seguinte frase: o jovem não é problema, o jovem é solução.

Dessa forma, um dos aspectos mais essenciais do programa está em dar vida ao protagonismo juvenil. Proporcionar o protagonismo juvenil é uma tarefa que se apoia no pressuposto de que os jovens têm potencial para assumir lugar central nas transformações e na resolução de problemas, e que isso pode ocorrer quando são criadas condições para aprenderem a ser, a conhecer, a conviver e a fazer. Dessa forma, o jovem está no centro das ações, e as aprendizagens ganham sentido quando se voltam para preparar o estudante a realizar a transição para a vida adulta de forma mais plena, por meio de vivências fundamentais para seu desenvolvimento integral.

Segundo o educador Antônio Carlos Gomes da Costa, uma das referências na construção dessa proposta, o protagonismo juvenil é um princípio, um conceito e um método para trabalhar com jovens. Hoje, esse conceito também se alia às concepções mais recentes de educação para o desenvolvimento humano.

Na concepção do Programa SuperAção Jovem, o importante é garantir que o exercício do protagonismo juvenil seja um palco para o desenvolvimento de competências e da formação para fazer escolhas, na vida pessoal, social ou na trajetória de trabalho. É essencial considerar que aquilo que os adolescentes pensam, dizem e fazem pode transcender os limites do seu entorno pessoal e familiar e influir no curso dos acontecimentos na vida comunitária e social mais ampla.

O protagonismo juvenil é uma forma de reconhecer que a participação dos adolescentes pode gerar transformações decisivas. O sentido de “participação” utilizado aqui também é amplo e propicia o envolvimento em processos de discussão, decisão, desenho e execução de ações, visando à solução de problemas reais. Nesse caso, a quantidade e a qualidade das oportunidades de participação influenciam de maneira decisiva nos níveis de autonomia dos jovens.

Trata-se, assim, de construir alternativas eficazes para que o estudante possa identificar, incorporar e vivenciar, mediante ações concretas, os valores proporcionados pela escolha desse princípio educativo. Em geral, as ações realizadas no ambiente escolar são decididas, planejadas, executadas, avaliadas e têm seus resultados apropriados por alguém. Optar por envolver os adolescentes nessas etapas é o que vai permitir seu comprometimento na compreensão e operação de seu entorno social. Os projetos de pesquisa ou de intervenção na própria escola e na comunidade são alguns espaços propícios para esse exercício.

Assim, a participação que se busca promover nessa proposta está muito relacionada não só aos jovens, mas também à atuação dos adultos de referência para eles. É extremamente importante que o educador veja a autonomia do jovem como um objetivo a ser alcançado por todos, de modo que sua presença aconteça não no sentido de substituir a iniciativa do jovem ou sua responsabilidade, mas em propiciar condições para que as ações sejam assumidas pelo estudante e por seu time.

A adesão à perspectiva pedagógica do protagonismo juvenil vai muito além da assimilação pelo educador de algumas noções e conceitos a respeito do tema. É possível dizer que, mais importante do que aquilo que o educador diz, é o modo como age diante dos jovens. Se olhar o jovem não como uma ameaça à sua autoridade ou à ordem da sala de aula, mas como parte real da solução de dificuldades e impasses, o professor também muda sua forma

de agir em relação aos estudantes. Por isso, um dos pilares para a efetivação do protagonismo juvenil é o diálogo aberto, a escuta atenta, a disposição para trocar contribuições e argumentos. Essa adesão se traduz em um compromisso do educador com o sujeito em desenvolvimento.



Aspectos estruturais do programa

O programa é estruturado de modo a oferecer oportunidades aos jovens para:

- refletirem sobre suas identidades e projetos de vida;
- aprenderem colaborativamente;
- atuarem na comunidade escolar e no entorno propondo soluções efetivas.

Para isso, envolve momentos em que:

- o professor ensina de forma prática e vivenciada, por meio da elaboração de projetos de aprendizagem. Isso permite que os alunos pratiquem e aprendam habilidades que não são mobilizadas nas práticas tradicionais.
- o professor compartilha a decisão sobre o que será ensinado e aprendido com os alunos, corresponsabilizando-os pela aprendizagem, sem deixar de lado o que precisam aprender (o currículo precisa ser percorrido), mas levando os alunos a participar de modo ativo das etapas como: propor uma iniciativa, planejar, avaliar, usar o conhecimento em situações não previstas em sala de aula.
- os alunos desenvolvem projetos voltados ao bem comum. Ou seja, são desafiados a compreender e atuar em seu entorno social, identificando problemas e elaborando propostas que beneficiem o coletivo, e não para resolver somente as questões de seu interesse pessoal. Assim, vivenciam a aprendizagem escolar como uma ferramenta para favorecer sua vida, mas também para melhorar o mundo ao seu redor.
- os alunos trabalham em grupos como times de trabalho em que todos somam forças para realizar uma dupla aprendizagem: aprender a aprender e a conviver e produzir em equipe. A formação de um time pressupõe o reconhecimento do outro, de suas diferenças, de seus interesses, de suas habilidades e desafios, unindo forças para a realização de um projeto comum de média ou longa duração.

Etapa de apropriação de resultados

Tendo a autonomia como horizonte do protagonismo juvenil, é importante convidar os estudantes a compreender em profundidade os aprendizados que foram vivenciados e conquistados durante o ano, problematizar as etapas do caminho percorrido e se apropriar dos conhecimentos gerados, o que envolve a tomada de consciência do que foi conquistado.

Assim, a proposta desafia os protagonistas a reconhecer e incorporar as atitudes e competências desenvolvidas ao longo do percurso formativo, aplicando-as em novas atividades que consolidem seus aprendizados. Para concretizar essa proposta de apropriação de resultados, foi criado o Circuito de Juventude, uma etapa importante no desenvolvimento do trabalho em todas as escolas parceiras e que teve início em 2004, com objetivo de promover essa apropriação. Para a realização do Circuito, toda a comunidade escolar é mobilizada, e as atividades promovem o contato intenso entre os jovens.

A cada ano, o Circuito aborda um tema que orienta as apresentações de todos os times em cada escola. Depois da etapa escolar, o Circuito acontece também em uma etapa estadual, em que as escolas escolhem representantes dos estudantes para participarem desse momento em conjunto, no qual conhecem jovens protagonistas de outras regiões do Estado e compartilham as experiências que vivenciaram ao longo do ano letivo. Em 2014, o Circuito Estadual passa a ser realizado virtualmente, mas seguindo com as mesmas características de contemplar a voz dos jovens e seus professores e discutir os desafios e conquistas vivenciados.

A seguir, conheça o depoimento de Nathalie Brito Santos, que participou do programa enquanto estudante e em algumas edições de Circuitos da Juventude.

Minha história

Nathalie Brito Santos, estudante



Quando comecei a participar do Programa SuperAção Jovem, eu tinha apenas 14 anos, a palavra “protagonismo” não constava em meu dicionário e eu não podia imaginar a diferença que ela faria em minha história. Morava em Apiaí, no Vale do Ribeira, estudava na Escola Estadual Regina Dias Antunes da Silva, quando nos foram apresentadas a proposta e metodologia do Programa; fiquei encantada, pois fomos convidados

a participar ativamente da construção de uma escola melhor para todos, aprendemos juntos a força da união e do trabalho em equipe, e a lição mais valiosa nesse processo foi a descoberta de nosso potencial, e de que nossos sonhos eram possíveis.

Eu era egocêntrica. Com o SuperAção Jovem mudei muito, comecei a ter uma visão do coletivo, a me preocupar com o próximo e aprender que eu só posso mudar o mundo com quem está do meu lado também.

Meus pais passaram a ter mais confiança em mim, deixaram de me ver como uma ‘menininha ingênua’ e perceberam que eu era capaz de fazer a diferença. Além de perder a timidez, aprendi a conviver com as diferenças e buscar semelhanças.

Em 2005, integrei o **time de mobilização** de minha Diretoria de Ensino, no qual permaneci por dois anos. Ali conheci um dos meus maiores espelhos, a professora Maria, que acreditou em mim e me ensinou o sentido da palavra sinergia. Através de nosso projeto Mobilizando Corações e Mentes, tive o privilégio de acompanhar os jovens da região e seus projetos, e perceber a mudança que estava ocorrendo em suas vidas, mudança que talvez não fosse possível sem o SuperAção Jovem. Nesse projeto, visitávamos uma escola por semana para mostrar que a leitura abre novas janelas, é uma passagem secreta

Na época da parceria com o Programa Escola da Família, havia times de mobilização regionais formados por jovens representantes das escolas parceiras que tinham entre suas ações fazer um trabalho de mobilização de outros jovens para participação na parceria – eles desenvolviam ações, campanhas, visitavam escolas, criavam projetos e eventos de mobilização. Os times de mobilização eram criados durante o processo do Circuito de Juventude.



para um novo mundo, faz a pessoa ficar mais centrada e perceber a capacidade dela de interferir no próprio futuro. Infelizmente os jovens no Brasil leem pouco, mas a partir do trabalho do SuperAção Jovem os alunos puderam perceber que sem os livros a gente não é nada. Podem tirar tudo da vida da gente, menos o conhecimento.

O que fez a diferença na vida dessas pessoas, e na minha, foi o fato de acreditarem em nosso potencial, de descobrir que não importa se você vive em uma das regiões mais pobres do estado, porque dentro de você tem uma força tão grande que é capaz de transformar sonhos em projetos de vida. Todo jovem traz dentro dele a força para mudar, mas não sabe a importância de planejar, de ter iniciativa.

Nesse processo, o apoio e auxílio da professora Maria foram fundamentais para o meu reconhecimento enquanto protagonista, afinal, ter um professor que nos apoia, que estimula nosso desenvolvimento e, principalmente, acredita em nosso potencial é essencial.

Outro marco em minha história foi o Circuito de 2007, onde vivenciei o poder de transformação por meio da leitura. Ao ver os jovens combaterem os “vilões” que afastam os estudantes da leitura (como a preguiça, a falta de envolvimento com os temas dos livros, entre outros) e, assim, aprenderem a superar seus limites e aprimorar suas qualidades de protagonistas 100% leitores, tive a certeza de que a leitura e os estudos eram os meus grandes aliados para a concretização de meus

sonhos. Passei a ter uma relação diferenciada com os estudos. Deixei de vê-los apenas como uma forma de conseguir passar nas provas e algo chato e passei a entender como meio, como uma forma de alcançar meus sonhos. Descobri, então, como estudar podia ser divertido. Eu já gostava de estudar, mas com o SuperAção, eu passei a gostar também de incentivar os colegas a estudarem. E aprendi que o professor e o diretor são parceiros fundamentais na vida do jovem. É uma relação que tem tudo para dar certo se a gente souber cultivar.

Tive o privilégio de atuar como jovem formadora e participar como jovem egressa em alguns Circuitos estaduais, assim pude conhecer melhor os projetos. Poder ver o engajamento desses jovens renovou meu compromisso com a defesa de uma educação que possibilite a transformação e o desenvolvimento. Foi ímpar poder compartilhar minhas experiências com eles, saber que de alguma forma minha história de protagonista iria inspirar a construção de suas próprias histórias.

E foi tendo a leitura e os estudos como aliados que consegui minha tão sonhada vaga na Universidade Federal do Paraná, e me formei em Psicologia. Hoje sou psicóloga em um CRAS – Centro de Referência em Assistência Social, e ser protagonista me inspira todos os dias, auxilia em minha atuação com as crianças e adolescentes que frequentam o serviço de convivência e fortalecimento de vínculos, onde busco ajudá-los no desenvolvimento de competências socioemocionais e mostrar a eles o tamanho de seu potencial.

Minha trajetória no programa, que começou como membro do time em meu colégio, passou pelo time de mobilização da Diretoria de Ensino e por formadora jovem em circuitos estaduais, forjou a profissional que me tornei, essas experiências me conduziram por um caminho em defesa do protagonismo social, de uma psicologia que vise o pleno desenvolvimento, que seja engajada e compromissada com a transformação social.



| CAPÍTULO 4

Metodologias integradoras



que faz,
conquista
Sempre
Mais

Superação

Superação

Jovem
que faz,
conquista
Sempre
Mais

Jovem
que faz,
conquista
Sempre
Mais

GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO
Secretaria de Educação

SUPERACAO


Jovem
que faz,
conquista
Sempre
Mais

Para dar vida à perspectiva da educação integral, é importante contar com novas práticas, ou ressignificar ações que já são realizadas em sala de aula, passando a levar em conta o propósito da formação plena do estudante. Algumas metodologias são particularmente relevantes para os professores nesse desenvolvimento e podem ser executadas e compartilhadas em formações, nos momentos de planejamento e na própria interação com os estudantes.

As iniciativas com parceria do SuperAção Jovem sempre levam aos professores a formação para as metodologias integradoras. Essas metodologias possibilitam integrar os aspectos socioemocionais e cognitivos nos diversos momentos formativos e são excelentes estratégias para que disciplinas, áreas de conhecimento e projetos tenham coesão entre si e estejam articulados à vida do jovem.

Tomando como referência o desenvolvimento de competências e o fortalecimento do protagonismo juvenil, cinco metodologias se destacam neste trabalho²: Presença pedagógica, Aprendizagem colaborativa, Problemática, Educação por projetos, Multiletramentos. Neste capítulo, serão aprofundadas as duas primeiras.

Essas duas metodologias buscam agir em favor da construção de vínculos, uma vez que é na interação com os outros que a aprendizagem acontece. O que está em jogo, nesta proposta, é principalmente a qualidade da interação e o quanto ela pode contribuir como oportunidade para o desenvolvimento.

 2. As definições sobre essas metodologias e outros termos utilizados nesta publicação também tomam como referência a publicação: *Caderno 2 – Modelo Pedagógico: Princípios, Metodologias Integradoras e Avaliação da Aprendizagem* – Instituto Ayrton Senna.

A **presença pedagógica** pode ser resumida como o exercício de interação, abertura, confiança e compromisso do educador com o estudante. Por meio dela, são fortalecidos o vínculo interpessoal e a mediação de conflitos e de aprendizagens, de modo que o professor exerça seu protagonismo na construção constante de situações em que os jovens reconheçam que ele atua com compromisso, abertura e confiança, gerando uma reciprocidade em seu processo de formação. Assim, o professor abre uma via de diálogo efetivo, acolhendo e ao mesmo tempo exigindo responsabilidade dos jovens por meio de uma aposta sem meios-termos em seu potencial.

É possível traduzir essas atitudes em gestos de interesse, conhecimento e valorização dos pontos de vista dos jovens, suas singularidades e diversidades culturais. Estar aberto para saber quais conhecimentos os estudantes já trazem de suas vivências, quais seus interesses e posicionamentos, que leituras estão fazendo das aulas são algumas formas de praticar a presença pedagógica. Isso envolve, portanto, demonstrar confiança no potencial de cada um e se deixar ser influenciado pelos interesses dos estudantes.

Nas situações de aprendizagem, por exemplo, é importante destacar qualidades para depois mencionar desafios e erros, ouvindo com atenção e partindo da contribuição dos jovens para a construção de outras posições, em verdadeiro processo de diálogo. Também são criados espaços para refletir sobre temas como “de que forma cada um prefere aprender e quais estratégia de compreensão utiliza?”, “como lida com as dificuldades de aprendizagem?”, entre outras.

Nas situações de mediação de conflitos, se o professor assume o controle da solução sem envolver alunos, perde a oportunidade de gerar engajamento e provocar mudanças de perspectivas. Para isso, é preciso passar a enxergar a chamada “indisciplina” como um campo para sua atuação como mediador e perguntar: “as atitudes envolvidas nos conflitos podem ser objeto de reflexão e oportunidade para o desenvolvimento pessoal e coletivo?”.

A prática da presença pedagógica permite, ainda, envolver os alunos como parceiros do professor, colaborando para a gestão da sala de aula e do clima escolar. Isso não significa igualar os papéis ou assumir atitudes paternas, mas sim reavaliar o lugar de influência que o professor tem, possibilitando aos alunos fortalecer sua autoconfiança para aprender e desenvolver competências.

Com as práticas de **aprendizagem colaborativa**, o foco é estimular interações e a produção colaborativa e corresponsável de conhecimento entre os próprios alunos por meio de outros modos de organizar o espaço de sala de aula, alternativos ao modelo centrado apenas no professor.



Em paralelo ao contato somente com os outros jovens com quem o estudante já se relaciona bem, e em oposição ao tradicional trabalho em grupo que muitas vezes é apenas uma divisão de tarefas, a aprendizagem colaborativa busca criar situações em que os jovens se articulem respeitando as diferenças entre si e dependendo menos do professor.

É claro que nessas atividades são importantes as intervenções docentes que ajudem os jovens a praticar, gradualmente, essa nova forma de aprender e de colaborar entre si, mas há também um desenvolvimento do protagonismo, e cada aluno se preocupa com o rendimento do time todo. A responsabilidade de organizar o trabalho também é compartilhada, e o resultado de aprendizagem conta com a interação positiva entre os membros do time.

É possível identificar diversos tipos de atividades para o trabalho colaborativo, como o estudo conjunto de textos de referência, a resolução de problemas matemáticos, a construção de regras de convivência, a realização de pesquisas de campo ou o desenvolvimento de projetos.

O professor acompanha os trabalhos, circula pelos times, problematiza e orienta quando se desviarem da tarefa, estimulando a persistirem na busca por uma solução antes de expressar sua própria opinião. Sugere aos estudantes formas de conectar a atividade com o contexto maior que estão vivendo, colabora com sugestões e avalia também o processo de construção do time, valorizando as formas como descobriram distintos pontos de vista, experimentaram modos de se comunicar com clareza e aprenderam sobre si mesmos. Dessa maneira, é possível praticar e desenvolver diversas competências sem resolver as questões desafiadoras pelos estudantes, mas ajudando a se familiarizarem com o processo de colaboração. O desafio para o educador é encontrar o equilíbrio entre não fazer pelos alunos, mas também não deixá-los à deriva.



A presença de uma professora protagonista

Nunca tinham me ensinado a olhar o aluno de forma menos hierarquizada.” Esse é um dos pontos destacados pela professora Ana Lúcia Lopes Viana, de Araçatuba, como parte da sua vivência no SuperAção Jovem. Formada em Letras, ela conta que, embora tivesse criatividade, não conseguia fazer os estudantes sentirem o mesmo gosto que ela em aprender. “Os anos passaram e minhas primeiras experiências como professora foram fatídicas”, relata.

Em 2011, ela se tornou professora da parceria com o Instituto Ayrton Senna na Escola Estadual Professora Altina Moraes Sampaio e conta que logo começou a estudar a proposta minuciosamente. “Li todas as dicas que vinham no material para organização do professor e a distribuição das atividades, e comecei a planejar as aulas. Ali mostrava o professor como mediador, nada era



imposto aos alunos, e sim conquistado com eles”, diz. Para aproximar os alunos da leitura, Ana Lúcia apresentou a proposta da aula e pediu um voto de confiança para o desenvolvimento do trabalho.

“Confesso que não esperava a reação dos alunos, em especial de um aluno, que me respondeu com agressividade. Foi um dia bem difícil, mas com o decorrer do tempo eu procurei analisar cada aluno, coletivamente e individualmente, tendo um olhar do que eles tinham de melhor”, recorda-se. “Procurava conversar com cada um, alguns eram líderes, outros ótimos desenhistas, matemáticos, escritores, atores, oradores... eu sempre tinha um livro para sugerir, relacionado às histórias que me contavam.”



Com essas atitudes, a professora desenvolveu sua habilidade de escuta e diálogo, e começou a ter outra visão dos jovens e a construir uma postura acolhedora. “Eu me questionei muito, refleti, me reconstruí, aprendi a direcionar minha criatividade, a compartilhar a aula e, assim, percebi que eles me tornaram uma professora protagonista”, relata. Segundo ela, desenvolver a presença pedagógica facilitou o trabalho no processo de ensino e aprendizagem e gerou laços de afetividade, enquanto trabalhar na perspectiva de aprendizagem colaborativa ajudou na capacidade de autogestão dos alunos e gerou trabalhos de parceria.

O resultado, de acordo com Ana Lúcia, foi que os alunos se tornaram mais participativos, críticos, motivados e determinados. “Os alunos atuaram como agentes transformadores de comportamentos, opiniões e ações. Protagonistas na escola e na vida.”



Metodologias que transformam um projeto de vida

Foi justamente o aluno que tinha respondido com mais agressividade à primeira aula de Ana Lúcia aquele que mais a auxiliou nessa transformação da sua atuação. O jovem Marcos Ferrari Júnior conta que sempre atuou como “líder negativo”, até que a participação no Programa mudou seu projeto de vida. Hoje, ele é educador e conta que é amigo de Ana Lúcia.

“Eu era um aluno que ia para a escola apenas para traquinagens, destratar outros alunos e os professores, porque via a escola como uma mordaca. Sentia prazer em transformar os professores em alvo de chacotas, odiava conversar com eles e não queria nenhum tipo de relação com ninguém do meio escolar”, relembra Marcos.

Para iniciar sua transformação, precisou sentir-se desafiado. “Cheguei a tentar fazer a professora [Ana Lúcia] desistir, mas algo sempre me deixava instigado: a confiança dela, que começou a destacar minhas habilidades de comunicação, liderança e autogestão”, conta. “A professora Ana Lúcia, que hoje é minha amiga, sempre foi muito leitora, e ela conseguia transmitir para a

gente o quanto sua paixão por livros ajudou em sua trajetória. Seu vocabulário também sempre foi estimulador, ela parecia um verdadeiro dicionário!”

Ele recorda que, quando recebia textos dos estudantes, a professora auxiliava na reflexão sobre o motivo pelo qual escreviam e como o texto seria lido por outras pessoas, entre outras atitudes. “Com as atividades que ela desenvolvia, aprendi a utilizar um diário, a organizar um projeto, a utilizar minha argumentação. Essa mesma motivação despertou nos colegas uma admiração e um anseio por mudança também”, destaca.

Segundo Marcos, nas aulas do SuperAção, ele teve oportunidades de exercitar a escrita, a leitura e o raciocínio lógico, melhorando sua capacidade de interpretação textual e contextualização. “As aulas em projetos nos davam base para que essas habilidades fossem desenvolvidas, o mais legal é que fazíamos tudo isso em time e podíamos contar com a ajuda dos colegas e professores, trabalhando nossas diferenças.”

Equilíbrio emocional, autoconfiança e determinação são algumas das competências que ele relata ter desenvolvido, assim como lidar com a ansiedade. “Foi uma mudança cultural, e tudo que aprendi na escola, levei para a vida. Meu sonho era poder devolver para a educação tudo o que ela me proporcionou”, diz. Hoje, Marcos atua na rede pública municipal e estadual da sua cidade, participando de projetos que visam desenvolver competências socioemocionais nos alunos, e compartilha suas experiências com os professores na universidade onde cursou Pedagogia.



| CAPÍTULO 5

Educação por projetos e resolução de problemas



Como mencionado no capítulo anterior, promover na escola a autonomia dos jovens por meio de uma educação integral é um objetivo que pode ser alcançado com o auxílio de um conjunto de metodologias que se tornam uma referência para os educadores e se configuram como estratégias para concretizar o propósito de desenvolver competências, não apenas transmitir conteúdo.

Como visto no capítulo anterior, cinco metodologias se destacam nesse trabalho: Presença pedagógica, Aprendizagem colaborativa, Educação por projetos, Problematização, Leitura e produção de textos na perspectiva de multiletramentos. Neste capítulo, será aprofundada a metodologia de educação por projetos, que tem como fio condutor a atuação de jovens na resolução de problemas.

A competência de resolução de problemas envolve uma atitude proativa de enfrentamento de situações que precisam de respostas práticas. Para isso, é preciso saber identificar e delimitar o problema em si (contando com diferentes pontos de vista), desenvolver estratégias para propor uma solução (mobilizando conhecimentos dispersos, incorporando perspectivas variadas e experiências anteriores), realizar ações organizadas e gerenciar processos para isso, além de viabilizar a aplicação das soluções em outros contextos. Assim, além da capacidade de se mobilizar e ter iniciativa, a resolução de problemas envolve competências como o pensamento crítico, a criatividade, a abertura ao novo e a colaboração.

Ao realizar um projeto nessa perspectiva, os jovens podem perceber e vivenciar o conhecimento como uma construção, e que é preciso atribuir sentido a esse conhecimento diante dos desafios enfrentados em seus cotidianos. O trabalho com projetos pretende que a aprendizagem seja contextualizada e significativa como uma experiência que gera oportunidades de análise, interpretação e articulação de informações e conhecimentos diversos, ao combinar teoria e prática, ação e reflexão, por meio de um

percurso orientado por um educador. Esse pode ser um caminho para articular diferentes campos do saber e, assim, torna-se uma chave fundamental para a integração curricular.

Nessa proposta de educação integral, o percurso que os estudantes percorrem para a realização de um projeto conta com um planejamento estruturado, que representa a oportunidade de fazer escolhas. Não se trata, portanto, de criar situações lúdicas ou extracurriculares em atividades pontuais e descoladas do restante do trabalho escolar, e sim de uma metodologia que está a serviço da integração do currículo e da formação integral dos estudantes e que:

- se baseia na percepção de que os estudantes têm potencial para construir soluções para os problemas que identificam em seu contexto e ganhar autonomia diante do conhecimento;
- se concretiza no contexto curricular, como parte essencial do percurso formativo dos alunos;
- é introduzida de modo estruturado e com uma intencionalidade pedagógica bem definida;
- tem o objetivo de promover o desenvolvimento de competências e promover a integração curricular.

O professor que orienta projetos também é estimulado a pesquisar e se apropriar de novos conhecimentos, uma vez que ele pode ser demandado a tratar de temas que não são necessariamente de sua área. O trabalho de mediação em projetos tem especificidades, considerando, por exemplo, a autonomia que se dá aos times para que encontrem suas próprias soluções para os problemas identificados, ao mesmo tempo que contribui com informações durante todo o processo. Dessa forma, durante o desenvolvimento de um projeto, estudantes e professores refletem, produzem e aprendem juntos.



Projetos em seis etapas

Para a realização de projetos nessa proposta, é importante utilizar um método estruturado em seis etapas que ocorrem durante um percurso dotado de muita ação e reflexão:

- **MOBILIZAÇÃO** (mobilizar interesses);
- **INICIATIVA** (identificar o problema importante a ser resolvido);
- **PLANEJAMENTO** (definir os passos com os quais esse problema será enfrentado);
- **EXECUÇÃO** (concretizar aquilo que foi planejado);
- **AValiação** (analisar o que foi executado e como o caminho foi percorrido);
- **APROPRIAÇÃO DE RESULTADOS** (ao final do processo, identificar os aprendizados mais significativos e como eles poderão ser incorporados ou usados em outras situações).

Espera-se, assim, que ao desenvolver um projeto os jovens tenham diversas oportunidades para conhecer suas motivações e interesses, configurar um problema, organizar tarefas, transformar uma situação da realidade e intervir em um processo, projetar-se no futuro e generalizar aprendizados.

Experiências matemáticas

Na parceria do SuperAção Jovem com as Escolas de Tempo Integral do Estado de São Paulo, a metodologia de Educação por projetos foi especialmente utilizada na resolução de problemas matemáticos e reais, integrando o trabalho dos professores no componente curricular Experiências Matemáticas. O objetivo é gerar uma apropriação desse componente para além de aplicações tradicionais da Matemática e entender essa área como ciência portadora de características como a investigação e linguagem próprias e importantes para pensar e resolver problemas, tanto na escola quanto na vida.

A partir da constatação de que há uma grande semelhança entre as etapas para o desenvolvimento de projetos e para a resolução de problemas matemáticos, os dois processos são pareados nesse componente curricular. Portanto, o mesmo caminho é utilizado, tanto na resolução de situações mais específicas da Matemática quanto de outras áreas temáticas envolvidas em situações reais. Por isso, nem todos os projetos desenvolvidos pelos professores de Experiências Matemáticas são exclusivos da disciplina, podendo abranger temas variados levantados pelos estudantes.

A proposta é de que, por meio do uso de problemas que não sejam restritos à aplicação de fórmulas e cálculos, os estudantes possam experimentar o processo de observar, formular hipóteses, buscar informações, combinar informações em uma estratégia de ação, argumentar, usar a linguagem para descrever a situação, testar suas hipóteses e chegar a alguma conclusão. Tornar-se um “resolvedor” de problemas não acontece quando propomos apenas exercícios de aplicação dos conceitos; é importante que o jovem seja capaz de utilizar seus conhecimentos em situações diferentes ou mais complexas, mobilizando o pensamento matemático enquanto está participando ativamente no enfrentamento de desafios reais.

O conhecimento matemático é necessário em um conjunto amplo de situações da vida: como apoio a outras áreas do conhecimento, como instrumento para lidar com o cotidiano ou, ainda, como forma de desenvolver habilidades de pensamento como o raciocínio lógico, espacial, entre outros. Contribuindo para a interpretação da realidade e para a construção de uma visão de mundo, a Matemática é, assim, essencial à formação de crianças e jovens.

Essa proposta envolve:

- enfrentar situações que solicitem aplicações da Matemática. Para isso, não basta apenas conhecer procedimentos aplicados mecanicamente, é preciso saber quando e como usá-los, além de favorecer uma atitude positiva do aluno em relação à Matemática;
- construir situações envolventes, motivadoras e que desafiem o estudante a resolvê-las;
- construir aulas em que os alunos trabalhem ativamente, usando dinâmicas de enfrentamento de problemas;
- formar cidadãos matematicamente alfabetizados, ativos e participantes, capazes de tomar decisões e enfrentar situações-problema na escola e na vida. Esses jovens aprendem a tentar e se permitem errar e perseverar na busca da resolução.

Projeto envolve alunos, professoras e coordenadores para promover leitura na comunidade

Atualmente cursando o Técnico em Agropecuária concomitante ao Ensino Médio no Colégio Técnico da Unesp em Jaboticabal, o aluno Wesllem Silva passou pela Escola Estadual Nelly Badhur Cano, em Monte Alto (SP), onde conheceu a parceria com o Instituto Ayrton Senna. Quando fala sobre os aprendizados que reuniu nesse período, o jovem mostra que a abertura para realizar projetos ultrapassa o ensino de uma ou outra disciplina e envolve diversas áreas temáticas.

“Mais do que conteúdos, o SuperAção me proporcionou grandes experiências que influenciaram minha formação. Por meio de projetos, pude ter contato direto com a realidade do bairro onde eu morava e aprendi a praticar a liderança, assumindo responsabilidades”, conta. Entre os projetos que realizou, o estudante destaca o Carrinho da Leitura, que tinha como objetivo levar livros à comunidade, especialmente a pessoas que não teriam acesso às obras literárias que o time de alunos reuniu. “Essas obras foram conseguidas por doações de instituições culturais e colegas, professores e funcionários que admiravam o projeto”, diz.



O Carrinho da Leitura foi desenvolvido por alunos que estavam no 8º ano em 2013. Em grupo, decidiram que iriam levar leitura para a comunidade, conseguiram doação de um carrinho de supermercado e livros de diversos gêneros e autores. Pediram permissão para a gestão da escola e para o responsável pela

Igreja Nossa Senhora. Aparecida para que os livros fossem levados no carrinho para ficarem expostos no pátio da igreja aos domingos de manhã, após a missa. A comunidade local era convidada a retirar os livros, fazendo registro em um caderno confeccionado pelos alunos, para a devolução no domingo seguinte.

Segundo Wesllem, um dos maiores desafios para colocar o projeto em prática foi organizar os horários de todos os envolvidos, para contar com a maior participação possível na execução da proposta. “Mas com grande atenção foi possível, e a maior conquista de todo o projeto foi ver a satisfação das pessoas nos momentos de retirada e entrega dos livros, pois poder enxergar que o projeto que você e seus amigos se empenharam para acontecer estava fazendo diferença na vida



do próximo é algo de muito mérito”, ressalta. “Podemos ver a felicidade das pessoas que estavam tendo contato com grandes títulos literários, sedentos por uma viagem nesse mundo fantástico que é a leitura.”



O projeto teve orientação da professora de Experiências Matemáticas, Célia do Carmo Cola. “A professora Célia sempre esteve presente em nossos momentos de aprendizados matemáticos, e

por meio de suas orientações no projeto eu também consegui adquirir conhecimentos que até hoje influenciam minha vida”, relata o estudante. “Ela transmitia a todos os alunos uma grande confiança e seu comprometimento com a área da educação. Lembro o quanto ela se mostrava motivada para que, com o trabalho em grupo, pudéssemos ultrapassar os obstáculos.”

Como resultado desse percurso para idealizar e concretizar um projeto em time com outros estudantes, Wesllem destaca que pôde desenvolver maior raciocínio lógico, reforçando aquilo que estava aprendendo em Matemática no currículo do Ensino Fundamental. “Hoje, sou uma pessoa que consegue liderar grandes eventos, sempre trabalhando em grupo e sabendo lidar com as pessoas”, relata o jovem.

A professora Célia também valoriza as conquistas que motivaram todos os envolvidos: “Foi muito gratificante ver aqueles jovens empenhados em incentivar as pessoas que por ali passavam e paravam para ver o que estava acontecendo e acabavam levando um livro para ler; na semana seguinte a pessoa pedia outra indicação, e isso só foi possível pelo trabalho em time e pela educação por projetos”, relembra Célia.



De acordo com a professora, os alunos conseguiram se revezar a cada domingo, e ela contou com o apoio da professora de Leitura e Produção de Texto, Rosemeire Marconato. “O projeto foi realizado por dois anos com bons resultados para os jovens e uma



belíssima aceitação por toda a comunidade. Foi até assunto em destaque no jornal da cidade e serviu de incentivo para outras escolas locais”, conta, destacando que no planejamento de projetos os estudantes procuram parcerias, organizam a execução e vão se apropriando dos resultados com o envolvimento do time.

“Os projetos possibilitam aos jovens tomar para si a iniciativa de levantar as necessidades e o que gostariam de fazer para resolver aquela situação. Como mediadora, estou sempre por perto dando apoio para o que precisam, mostrando caminhos onde podem ir buscar parcerias ou até mesmo ajuda para que o projeto seja bem-sucedido”, explica Célia, contando que procura fazer a mediação estimulando os jovens a expor seus pontos de vista, fortalecendo a autoconfiança e realizando intervenções para que o trabalho em time seja colaborativo.

De acordo com ela, o trabalho como mediadora de projetos no componente de Experiências Matemáticas também fez com que ela se visse como agente de mudança e desenvolvesse suas competências, tais como abertura para aprender coisas novas, pensamento crítico para argumentar e se posicionar, colaboração para compartilhar responsabilidades, entre outras.



“O que almejo alcançar com meu trabalho cotidiano é o ensino eficaz e a criação de um ambiente de aprendizagem positivo. Essas vivências só têm me ajudado e adicionado várias experiências trocadas com outros colegas da área em várias situações. Essa troca é de muita valia”, afirma a professora, reforçando que os encontros formativos e o acompanhamento para as ações do SuperAção Jovem oferecidos pela Diretoria de Ensino de Jaboticabal sempre geraram a contribuição de novos olhares para as práticas.

Os responsáveis pelas ações de formação e acompanhamento que a professora menciona são o supervisor Luiz Fernando Tofanelli e a professora coordenadora de Núcleo Pedagógico (PCNP) Liamara Pimenta da Silva, que também explicam como a parceria com o Instituto renovou seu olhar para a educação. Professora de Física e Biologia há 25 anos na rede estadual, Liamara atua há dez anos como PCNP de Ciências e ajudou a estruturar a realização de encontros presenciais na Diretoria de Ensino, para a troca de experiências entre os professores da parceria com o SuperAção Jovem.

“Junto à supervisão, eu me senti sempre uma parceira na missão de formar professores protagonistas, ‘resolvedores’ de problemas e, acima de tudo, comprometidos com a educação integral dos estudantes. Afinal de contas, fazer parte da solução dos problemas não é só coisa de jovem”, reflete. Segundo



ela, o plano de formação dos professores inclui o acompanhamento sistemático e uma orientação técnica centralizada. Essa orientação é transmitida em momentos formativos realizados pelas equipes regionais com professores, coordenadores pedagógicos e gestores.

A orientação técnica centralizada parte do diagnóstico das visitas às escolas e gera um planejamento das formações, contando para isso com os instrumentos de observação de aula propostos pelo Instituto Ayrton Senna e pelo diálogo com a equipe gestora. “Os **fios condutores** propostos pelo Instituto sempre foram o norte do trabalho complementados com as necessidades de nossa equipe. O objetivo dos encontros com os professores de Experiências Matemáticas foi vivenciar as metodologias de resolução de problemas e educação por projetos na perspectiva de orientar os alunos”, relata Liamara.

Os **fios condutores** são roteiros que orientam o preparo dos formadores para as ações de formação, contendo os dados de contexto, os objetivos, as estratégias a serem utilizadas, os recursos necessários, os materiais de apoio e de avaliação, além de orientações sobre a postura do formador.



Já com as ações de acompanhamento das aulas de Experiências Matemáticas, os coordenadores buscam orientar e fortalecer os professores quanto ao desenvolvimento das metodologias integradoras. Para isso, realizam observação de aulas em que tentam identificar aspectos como a contextualização dos temas, a metodologia da abordagem dos assuntos e dos problemas, o grau da intervenção efetuada pelo professor, entre outros.

“As horas de estudo do material permitiam enriquecer a prática na sala de aula. A metodologia apresentada pelo Instituto nos roteiros de Experiências Matemáticas mostrava-se como o caminho para que os alunos experimentassem a viagem pelo universo dos números e o fascínio da resolução dos quebra-cabeças e dos desafios. O foco na resolução de problemas conquistou a dupla”, afirma Liamara sobre seu trabalho em conjunto com Luiz Fernando.

Ele, que iniciou sua carreira de educador em 1974, em escolas de periferia, conta que descobriu que poderia ser uma chave mestra para a vida pessoal e para o conhecimento dos alunos. Passou pela direção escolar e depois tornou-se supervisor, atuando em Jaboticabal e região. “Entendo que o supervisor é alguém que deva cultivar a visão ampliada das questões educacionais, encarregando-se de propor desafios a escolas, professores e alunos”, defende o supervisor.

Segundo os dois, ainda há desafios para garantir uma formação continuada na perspectiva da resolução de problemas e educação por projetos, mas já se constata avanços e conquistas notáveis, inclusive nas práticas dos professores e na valorização das escolas pela comunidade.



| CAPÍTULO 6

A perspectiva dos multiletramentos

◀ Voltar ao SUMÁRIO



Na era do conhecimento e da informação, torna-se cada vez mais essencial ter a capacidade de compreender os diversos textos que circulam em múltiplas linguagens e mídias, bem como ter sua própria capacidade de expressão por meio de diferentes linguagens. Todos somos diariamente envolvidos em discussões sobre assuntos variados e chamados a nos posicionar sobre um conjunto de temas. Por isso, para formar estudantes que possam viver e conviver no século XXI, deve-se ir além de apenas ensinar a decodificar letras e símbolos, é preciso incorporar o desenvolvimento de competências para que eles tenham condições de significar criticamente os textos e participar do constante diálogo que é a vida em sociedade.

O Programa SuperAção Jovem sempre valorizou esses aspectos e proporcionou diversas maneiras para promover essa formação.

Ampliar os letramentos dos estudantes, investindo no aprimoramento de suas capacidades, passa por trabalhar textos de diferentes gêneros, linguagens e abordagens culturais, difundidos em diversas mídias, plataformas e canais (como o impresso, o gráfico, o audiovisual, multimídia, entre outros). Esta é a perspectiva que o SuperAção Jovem aborda, o trabalho com os multiletramentos para apoiar a formação integral do estudante no século XXI e a integração do currículo nas escolas.

MULTILETRAMENTOS - Implicam participar criticamente de situações de leitura e produção que envolvam textos de diferentes linguagens e mídias e remetam a diferentes culturas. O seu desenvolvimento passo pelos campos:

USUÁRIO FUNCIONAL

Competência técnica
Cohecimento prático

CRIADOR DE SENTIDOS

Entende como os diferentes tipos de texto e tecnologia funcionam



ANALISTA CRÍTICO

Entende que tudo o que é dito e estudado é fruto de seleção prévia

TRANSFORMADOR

Usa o que foi aprendido de novos modos

Leitura

As práticas pedagógicas construídas nessa perspectiva têm uma concepção de linguagem que considera que os sentidos de um texto, ou de um discurso, não estão apenas nele próprio, mas são construídos na relação com o leitor, que se coloca ativamente diante do texto indagando sobre: “Quem escreveu? Para quem? Com que possíveis intencionalidades? Onde e quando foi veiculado?”, entre outros. A partir de questões como essas, o leitor amplia suas possibilidades de fazer escolhas e atribuir sentido aos discursos a que ele tem acesso em diferentes gêneros de linguagem. Isso porque ele se coloca como um produtor de conhecimento, exercita a abertura em relação a novos conteúdos e abordagens e busca o diálogo entre o seu conhecimento, o das outras pessoas e aquilo que está propagado pelos diferentes canais e mídias.

Para trabalhar com essa concepção de linguagem, portanto, o lugar do leitor é central: cada um, com seus conhecimentos de mundo, de outros textos e linguagens, e com seus valores, projeta-se enquanto lê um texto. O desafio é como ajudar os estudantes a aprimorar as capacidades para isso, formando suas identidades leitoras. Esse desafio envolve o esforço para desenvolver a compreensão textual, ampliado para também trabalhar as capacidades críticas do estudante:

- As capacidades de compreensão textual incluem: localização de informações no texto, compreensão de conteúdos ou propriedades, ativação de conhecimentos de mundo, checagem de hipóteses, entre outras.
- As capacidades críticas incluem: apreciação, interpretação e atuação do leitor em relação ao texto, recuperação do contexto em que ele foi produzido, definição de finalidades da atividade de leitura, percepção de relações de intertextualidade, percepção de outras linguagens, elaboração de apreciações estéticas, afetivas, ética, entre outras.

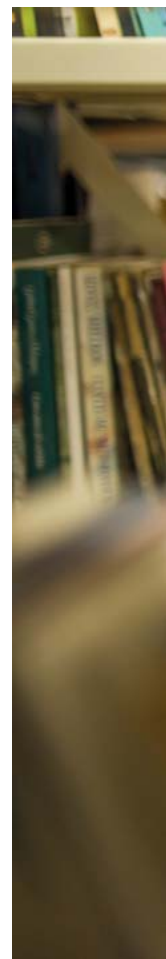
Essas capacidades estão envolvidas na leitura de todos os gêneros de linguagem. Os conteúdos, o estilo e a forma de cada gênero de discurso estão sujeitos à função que ele desempenha na sociedade. Isso quer dizer que conhecer um gênero não é apenas conhecer suas características formais, mas, também, saber interagir adequadamente com ele, no sentido de conseguir realizar análises mais amplas e críticas a partir dele.

Com a possibilidade de envolver todos esses aspectos e desafios, é importante observar que a mera leitura individual de um texto, seguida de um conjunto de questões sobre informações que podem ser localizadas nele, consiste em uma rotina em que são acionadas poucas das capacidades envolvidas no letramento. Outras estratégias de ensino podem ser desenvolvidas para contribuir com esse desenvolvimento. Nesse sentido, para que se contribua com a formação da leitura cidadã e o desenvolvimento integral, é preciso que as práticas pedagógicas também envolvam o amplo conjunto de competências para o exercício pleno como leitor.



Nas escolas parceiras do Programa SuperAção Jovem, tanto no Programa Sala de Leitura quanto no Escolas de Tempo Integral, o trabalho toma a linguagem como uma forma de interação. Portanto, é preciso promover múltiplas capacidades de letramento que garantam uma visão plural do mundo. Com práticas pedagógicas e materiais de apoio diversificados em cada parceria, essa metodologia possui elementos comuns em cada escola parceira: propor um espaço de aprendizagem para práticas envolvendo textos de gêneros indicados nos currículos, em situações de reflexão e colaboração, que permitem aos estudantes aprimorar a condição de leitores e produtores textuais, ao mesmo tempo que são convidados a planejar, executar e avaliar ações protagonistas em favor da leitura e da produção textual na escola.

O multiletramento é uma metodologia também voltada à integração do currículo, podendo articular práticas em todas as áreas do conhecimento. Assim, embora o componente de Língua Portuguesa seja a disciplina que prioritariamente insere o estudante nas práticas letradas, os demais também são corresponsáveis por isso e podem, dentro de suas especificidades, trabalhar com abordagens que estimulem essa formação. O objetivo é contribuir para que os jovens se posicionem sobre o conhecimento que circula na sociedade, o que é um caminho para atribuir sentido às aprendizagens e exercitar a cidadania.



Produção textual

Da mesma forma que a leitura, a produção de textos pode ser compreendida como uma prática social, que envolve atitude de quem escreve ao planejar e organizar o que tem a dizer, quais seus objetivos com o que vai dizer e como se posicionará ao fazê-lo.

A produção de texto demanda escolhas em todos os aspectos para dar forma aos nossos discursos. Há especialmente três conjuntos de fatores que devem ser considerados nesse exercício:

- Interação: aspectos contextuais, condições de produção, interlocutores envolvidos, conhecimentos compartilhados, as escolhas sobre o que será produzido (gênero e linguagem adequados, grau de formalidade etc.).



- Semântica: aspectos do desenvolvimento de ideias, a progressão dessas ideias, de modo que o texto possa ter coerência e sentido.
- Forma: recursos linguísticos formais (gramaticais e lexicais, que ajudam a dar coesão ao texto), utilizados para o desenvolvimento das ideias do texto.

Esses três conjuntos são interdependentes na construção do texto e devem ser considerados no processo de ensino-aprendizagem e na relação entre professores e estudantes na escola. Por exemplo, a atividade de revisar textos não pode se limitar à correção dos aspectos gramaticais. É preciso avaliar se as escolhas estão garantindo aquilo que o estudante planejou dizer, se está atendendo às finalidades que se definiu, se elabora posições em relação ao assunto tratado, se apresenta intertextualidade, entre outros.

Dessa forma, atuar na perspectiva dos multiletramentos é também uma escolha que proporciona mudanças no papel do professor e gera a necessidade de conectar essa perspectiva a outras que também favoreçam a educação integral. Para a melhor atuação nessa metodologia, é importante que o professor exerça presença pedagógica, utilize a metodologia de projetos, entre outras que interajam entre si e contribuam de forma integradora umas com as outras. A seguir, leia o depoimento de uma professora que relata como sua prática ganhou novas abordagens a partir do trabalho com o SuperAção Jovem.

Depoimento sobre o multiletramento e a educação integral

*Professora Aline Cristina Garcia
Escola Estadual Professora Marilena Correia
Diretoria de Ensino de Andradina*



“A partir do momento que nossos alunos têm acesso a diversos gêneros textuais e seus suportes, possibilitamos a eles uma nova visão de mundo. Hoje, o espaço da sala de aula está além das quatro paredes, lousa e giz. Afinal, vivemos novos tempos e nos cabe apresentar a todos os alunos os tipos textuais – desde a sua função, estrutura, intenção, até a finalidade. Na verdade, proporcionar desde o prazer de ler, como o desenvolvimento crítico para isso.

A prática leitora de textos literários, a análise e reflexão do cinema, bem como levar para sala de aula a música, a pintura, a internet, o jornal, a propaganda são ferramentas enriquecedoras para o aluno assimilar a própria vida. Sem contar que, a partir do momento que adquire o conhecimento, esse aprendiz começa a indagar, refletir, a não aceitar tudo, e isso é primordial para a formação de qualquer indivíduo.

O professor, enquanto mediador, deve estar atento a todas as informações que leva para a sala de aula, como a faixa etária a que se destina o texto, o tempo de cada aluno, o espaço, a cultura local, a família, os recursos, entre outras coisas, para poder desenvolver um bom trabalho. No entanto, esse professor deve ser protagonista – não só falar, como também ouvir seus alunos, e a partir disso professor e aluno partilharem ideias e vivências. A questão é contextualizar!”



| CAPÍTULO 7

Resultados das conquistas e próximos passos da parceria



Todos os profissionais envolvidos nesta parceria – tanto no Programa Sala de Leitura quanto no Projeto Escola de Tempo Integral – contribuíram para que o Programa SuperAção Jovem fosse concretizado ao longo desses anos e

promovesse transformações na formação e na vida de milhares de estudantes e educadores. Apresentaremos, a seguir, dois estudos que – usando metodologias variadas e com objetivos diversos – reúnem um conjunto de evidências que apontam para o potencial do Programa em sua contribuição, tanto no desempenho dos estudantes em indicadores de aprendizagem (como Matemática e Língua Portuguesa) quanto no desenvolvimento de suas competências socioemocionais e em seu perfil como leitores.

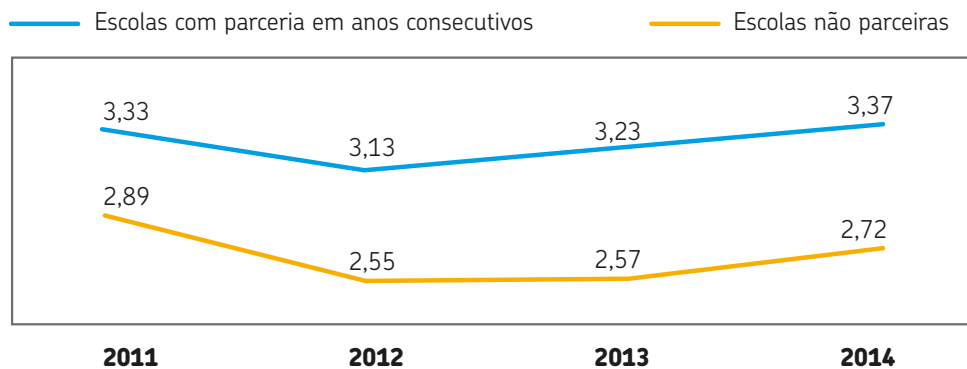


Uma visão sobre resultados de aprendizagem em Escolas de Tempo Integral

O estudo sobre o Programa SuperAção Jovem nas Escolas de Tempo Integral analisou os dados de desempenho no Idesp (Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo), indicador que considera o fluxo escolar e o resultado das escolas no Saesp (Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo), comparando a diferença entre escolas parceiras em quatro anos consecutivos e escolas que são de tempo integral, mas não tiveram a parceria com o Instituto Ayrton Senna entre 2011 e 2014. Os dados são referentes aos anos finais do Ensino Fundamental, ou seja, do 6º ao 9º ano.

Segundo o levantamento, além de apresentar um desempenho maior em todos os anos considerados, as escolas parceiras apresentaram um crescimento nesse resultado, comparando os dados de 2011 e 2014 (o índice vai de 3,33 para 3,37), enquanto as escolas não parceiras registraram uma redução no desempenho (queda de 2,89 para 2,72). No período considerado, a diferença entre os resultados dos dois grupos cresceu cerca de 50% – passando de 0,44 ponto em 2011 para 0,65 em 2014. Se considerarmos que a média de toda a rede estadual passou de 2,57 em 2011 para 2,62 em 2014, ou seja, cresceu 0,05 em três anos, pode-se verificar que a diferença de 0,65 é bastante significativa para um resultado de Idesp.

Desempenho no Idesp



Fonte: Secretaria de Educação, análise de dados Instituto Ayrton Senna

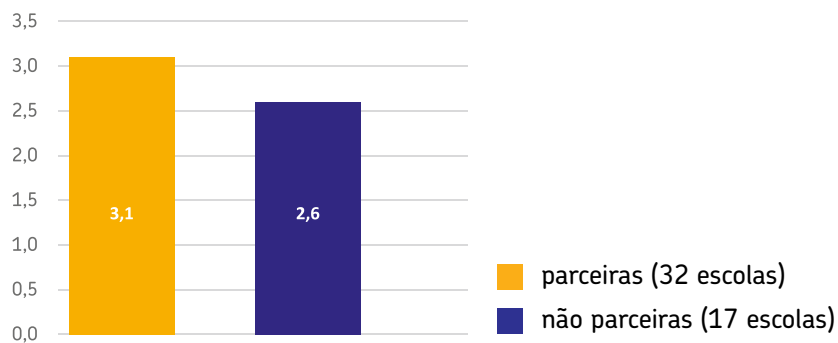
Em busca de identificar se essa diferença poderia ocorrer em função de outros fatores além da adesão à parceria, o estudo também comparou as escolas considerando apenas os mesmos perfis em termos de:

- nível socioeconômico (utilizando dados de 2011/2013);
- adequação da formação docente (utilizando dados de 2014);
- regularidade do corpo docente (utilizando dados de 2014).

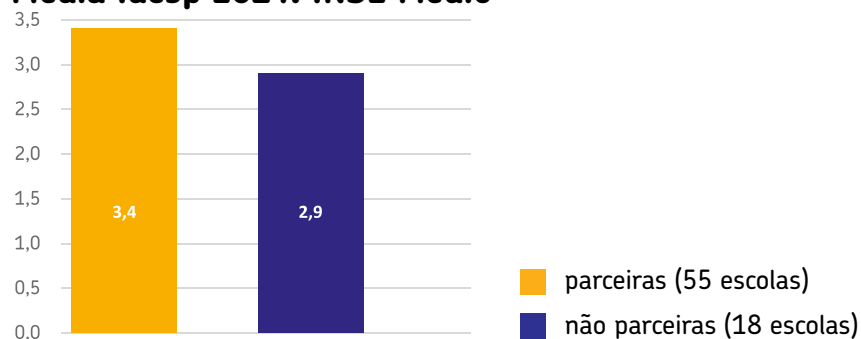
A fonte de dados para todos esses comparativos foi o próprio Ministério da Educação, por meio do Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira).

Considerando as escolas com mesmo **nível socioeconômico**, é possível observar que aquelas que aderiram à parceria seguem tendo desempenho mais alto que as demais. Os gráficos a seguir comparam as escolas parceiras e não parceiras de acordo com o Índice Socioeconômico e o desempenho no Idesp.

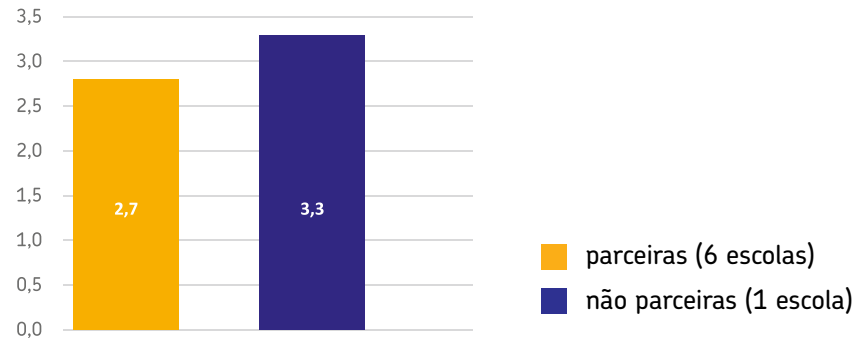
☑ Média Idesp 2014: INSE Médio-Alto



Média Idesp 2014: INSE Médio



Média Idesp 2014: INSE Baixo e Médio-Baixo

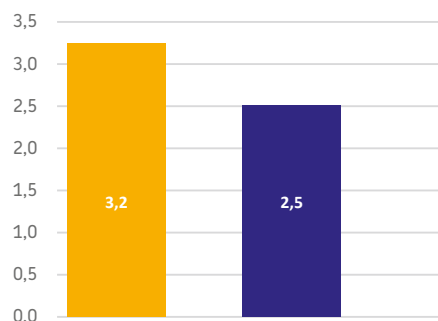


Na observação desses dados, é possível identificar uma diferença e um desempenho mais altos nas escolas de nível médio e médio-alto. Nas escolas com perfil baixo e médio-baixo a diferença não é considerada estatisticamente significativa devido ao pequeno número de escolas na amostra.

Quanto à **adequação da formação docente**, a comparação isolou dois grupos: um com escolas com até 80% dos professores com formação adequada, considerando os critérios do Ministério da Educação, e o outro composto por escolas com mais de 80% dos docentes com formação adequada. Os gráficos a seguir mostram os dois grupos de escolas segundo esse critério.

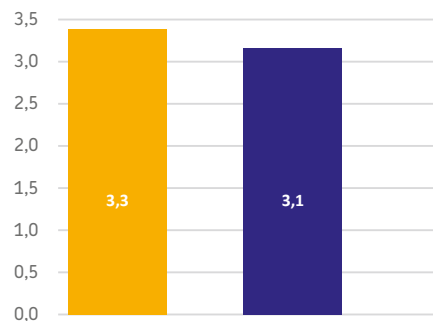


Média Idesp 2014: Até 80% dos professores com formação adequada



■ parceiras (66 escolas)
■ não parceiras (23 escolas)

Média Idesp 2014: Mais de 80% dos professores com formação adequada



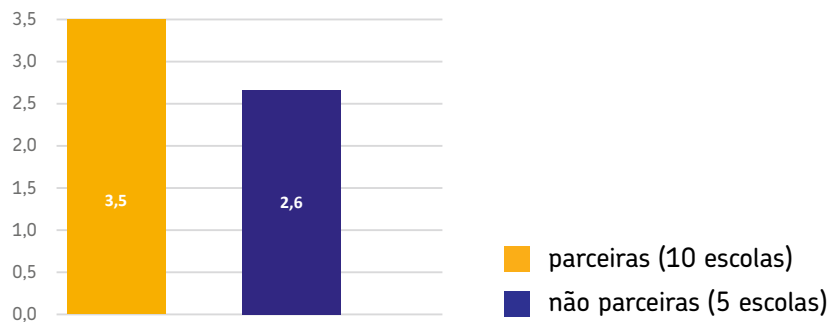
■ parceiras (27 escolas)
■ não parceiras (13 escolas)

Observando os dados, é possível notar que o conjunto com até 80% dos professores com formação adequada é o que apresenta diferença mais significativa em termos estatísticos, e nesse comparativo as escolas parceiras tiveram desempenho bastante superior em 2014. No segundo grupo (mais de 80% com formação adequada), também houve diferença favorável para escolas parceiras, mas o resultado não foi considerado estatisticamente significativo.

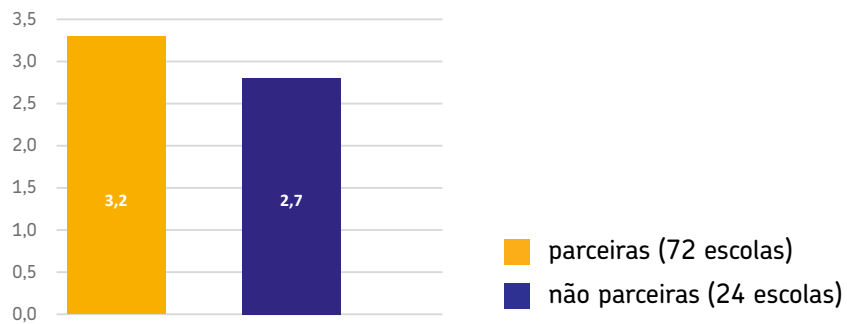
Por fim, o estudo também comparou as escolas segundo diferentes **níveis de regularidade docente**, um índice construído pelo Inep para analisar a rotatividade dos docentes nas escolas da Educação Básica (de acordo com o órgão, quanto maior a presença de docentes em anos consecutivos em uma mesma escola, maiores as possibilidades de criar vínculos com a comunidade e alunos, e as chances de desenvolver trabalhos e projetos de médio ou longo prazo, dando continuidade a planejamentos). Os gráficos a seguir mostram os dois conjuntos de escolas analisadas segundo três níveis de regularidade.



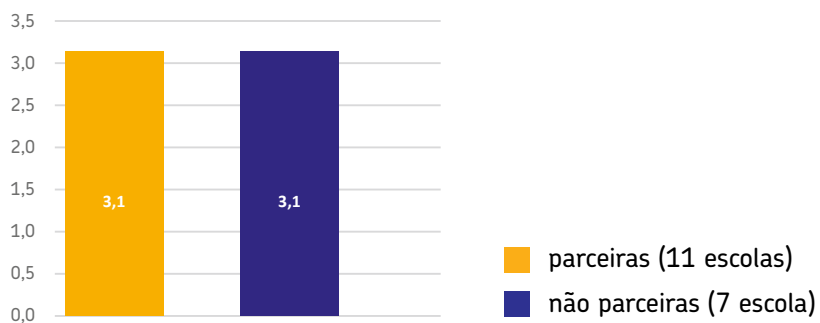
☺ **Média Idesp 2014: Baixa regularidade**



Média Idesp 2014: Média regularidade



Média Idesp 2014: Alta regularidade



Os dados mostram que, no cenário com maior número de escolas, o de média regularidade docente, as escolas parceiras possuem média superior às não parceiras. No conjunto de baixa regularidade, a diferença também é favorável para as escolas parceiras. Contudo, em razão do baixo número de unidades, não foi considerada estatisticamente significativa, assim como no conjunto de alta regularidade – mas, nesse caso, a média de desempenho era igual entre os dois grupos de escolas.

O estudo concluiu que o desempenho de estudantes que estão em escolas onde há parceria com o Instituto tende a ser maior do que nas demais, mesmo considerando apenas as unidades que possuem características similares, ou seja, isolando outros fatores que poderiam ser também responsáveis pela diferença. Ainda que não se possa relacionar diretamente o resultado à parceria com o SuperAção Jovem, por não se tratar de uma avaliação de impacto do programa, constatar que nas escolas onde ele acontece o desempenho é sempre melhor ou igual ao do grupo de comparação – e nunca abaixo – é um indicativo de possíveis contribuições proporcionadas por ele, em conjunto com outras iniciativas da SEE e características próprias dessas escolas.



Estudo sobre perfil de alunos do Programa Sala de Leitura

Outro levantamento sobre os estudantes que têm contato com o Programa SuperAção Jovem foi **o estudo realizado sobre as práticas de leitura e as competências socioemocionais dos participantes do Programa Sala de Leitura**. O estudo reuniu dados de um questionário para identificar o perfil leitor dos estudantes. Ainda que não tenha sido construído como uma avaliação de impacto, o estudo apresenta elementos relevantes para uma reflexão sobre **as características dos estudantes das escolas que contam com o Programa e podem ajudar a tomada de decisões sobre por quais caminhos qualificar a oferta desse trabalho à rede de ensino**.

O perfil dos leitores no Programa Sala de Leitura

A primeira parte do estudo reúne dados de um questionário com 30 questões que busca traçar um perfil dos alunos em relação aos seus hábitos de leitura, coletados em escolas da rede pública do Estado de São Paulo parceiras do Programa no ano de 2015. O questionário foi respondido por 24.426 alunos, com idades entre 11 e 18 anos ou mais, sendo que a maioria tinha entre 13 e 15 anos, portanto estava entre o 8º ano do Ensino Fundamental e a 1ª série do Ensino Médio.

O estudo toma como referência a definição de “leitor” utilizada pelo Programa Sala de Leitura, que analisa o nível de comprometimento do estudante com a leitura. Esse nível é dado pelas respostas às perguntas: você sabe onde está o último livro que leu? Faz quanto tempo que leu seu último livro? Nos últimos três meses você leu quantos livros?

Outra referência utilizada para a análise do perfil dos estudantes foi sua participação no Programa Sala de Leitura. Aqueles que participaram foram considerados “participantes”, enquanto os que não participaram, “não participantes”.

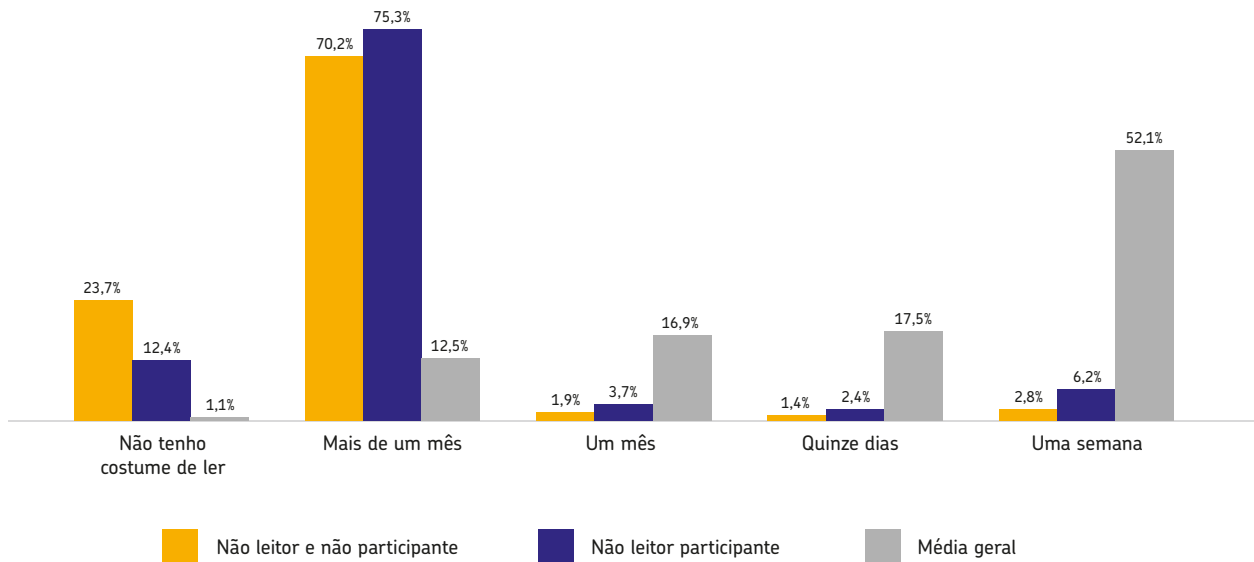
Com base no cruzamento dessas informações, o estudo identificou quatro perfis:

- O perfil 4 é chamado de *Leitor participante* e é composto por aqueles que podem ser definidos como “leitores” segundo os critérios mencionados e que participaram do Programa Sala de Leitura. Nesse nível, enquadraram-se cerca de 20.599 respondentes.
- O perfil 3, *Leitor não participante*, é composto por pessoas que também atingiram a categoria de leitores, mas que não participaram do Programa no ano analisado. Nesse nível, enquadraram-se cerca de 877 respondentes.
- O perfil 2 é composto por *Não leitores participantes*, ou seja, indivíduos que não possuem o status de Leitor mesmo tendo participado do programa. Nesse nível, enquadraram-se cerca de 2.303 respondentes.
- Por fim, o perfil 1, chamado de *Não leitor e não participante*, é composto por quem não é considerado um leitor e não participou do programa. Nesse nível, enquadraram-se cerca de 309 respondentes.

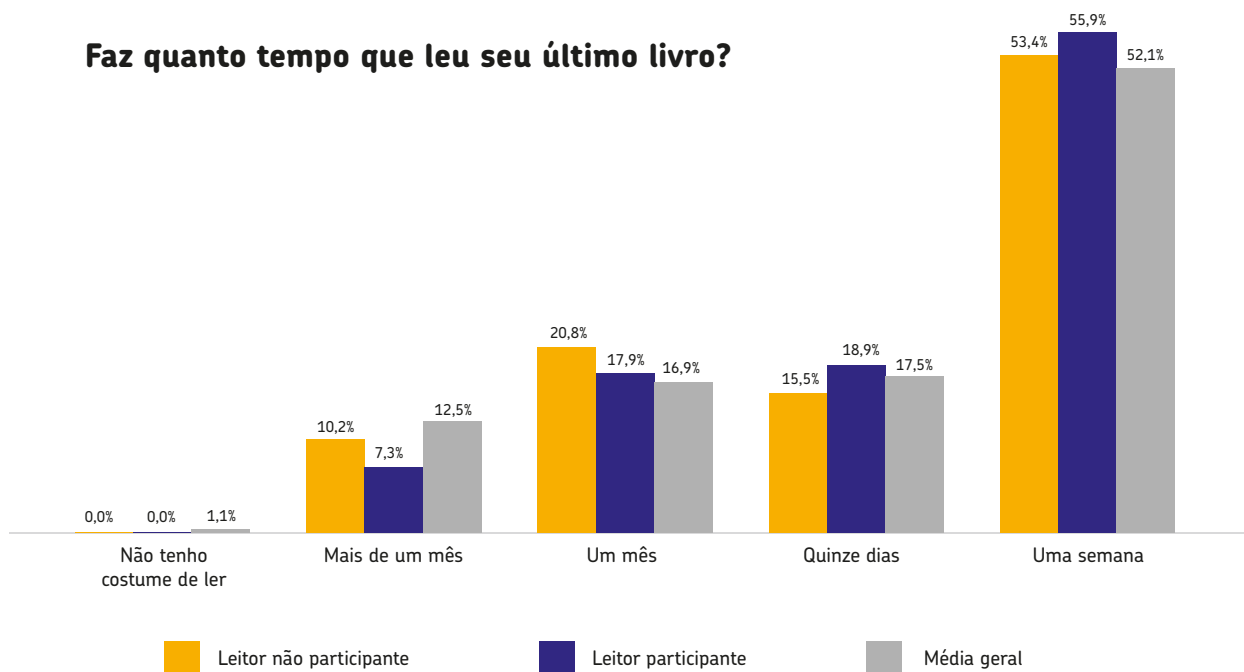
Com base nessas categorias, o estudo procurou demonstrar diferenças entre as respostas daqueles que se engajaram com o Programa SuperAção Jovem e aqueles que não se engajaram e como isso afetou os seus hábitos de leitura. A ampla maioria dos alunos participa do Sala de Leitura (95%) e, desse total, 85% atingem o perfil de leitor e 10% não cumpriram com os requisitos para isso.

Quando questionados sobre sua prática de leitura, 23,7% dos alunos no nível 1 responderam que não têm costume de ler, enquanto apenas 12,4% dos alunos do nível 2 marcaram a mesma resposta, sugerindo algum incentivo à prática da leitura entre aqueles que participam do Programa Sala de Leitura. Já entre alunos do nível 3, 53,4% leram um livro há uma semana e 15,5% há 15 dias, enquanto no nível 4, 55,9% dos alunos leram um livro há uma semana e 18,9% em 15 dias, indicando que os que participaram do programa têm uma tendência mais frequente de leitura.

Faz quanto tempo que leu seu último livro?



Faz quanto tempo que leu seu último livro?



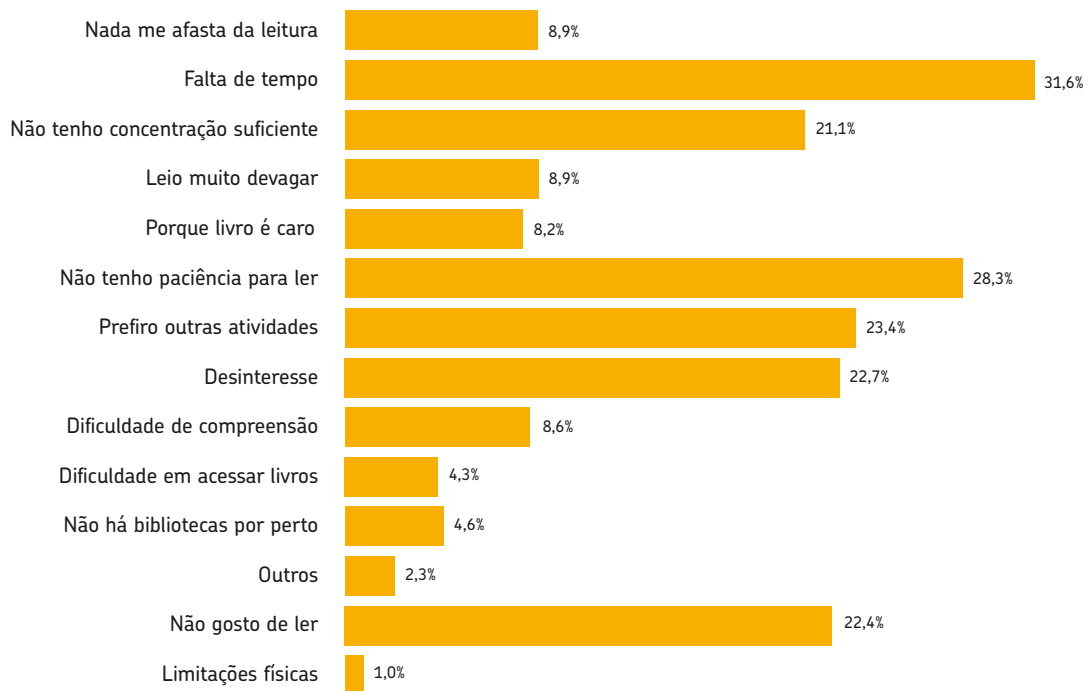
Em outra questão, a comparação entre os não leitores mostra que aqueles que participaram do SuperAção Jovem leram mais livros nos últimos três meses: 56,7% dos que não participaram do Programa não leram sequer um livro, uma proporção quase 15% maior que os participantes do programa não leitores. Essa diferença revela que, mesmo que esses alunos não tenham cumprido os requisitos para serem considerados leitores, ao participar do programa, tendem a ler mais livros do que os que não participaram. Já na categoria dos que são considerados leitores, 22,6% dos alunos participantes do programa indicaram ter lido mais de cinco livros nos últimos três meses, a mesma resposta de apenas 16,6% dos que não participam do programa.

Outro item da pesquisa buscava compreender os motivos que afastam mais comumente os alunos da leitura. Aqui, também é possível identificar diferenças: embora a falta de tempo e a falta de concentração sejam indicados com a mesma proporção entre os não leitores não participantes e os participantes, o desinteresse é o motivo para 23% dos que não participam do Programa, 9% a mais do que os que participam. Além disso, enquanto 22,4% dos não participantes dizem que não gostam de ler, essa razão é apontada por apenas 8,5% dos participantes.

Quais razões afastam os não leitores participantes da leitura?



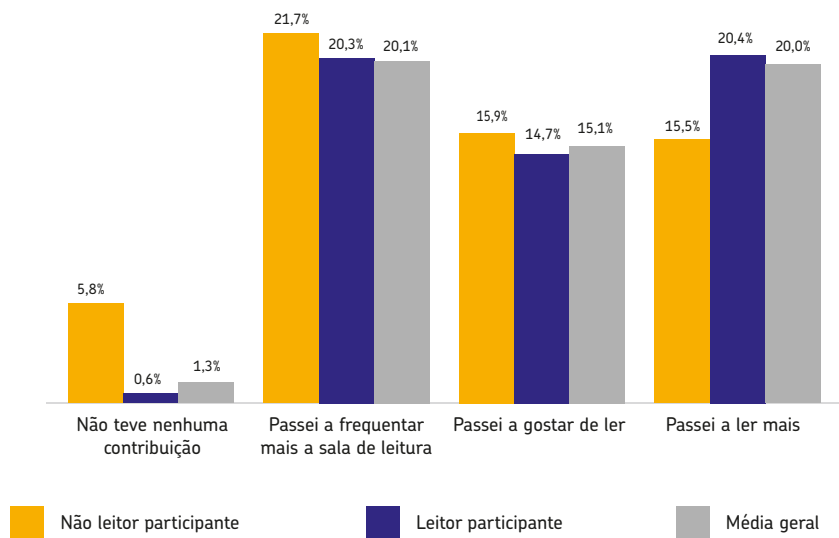
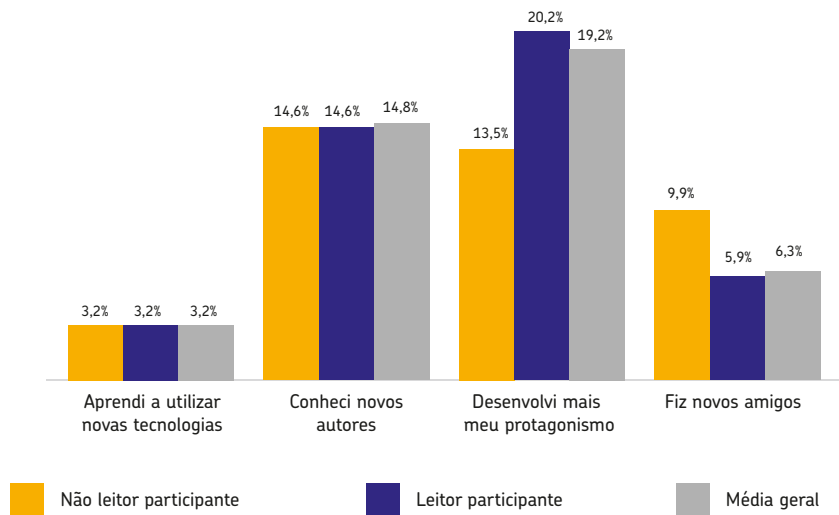
Quais razões afastam os não leitores e não participantes da leitura?



Entre as respostas, também é possível identificar que os estudantes participantes, que participaram do Programa, parecem sentir mais prazer com a leitura do que os não participantes, tanto entre leitores quanto não leitores: 98,4% dos leitores participantes e 89,6% dos não leitores participantes indicaram essa resposta.

Por fim, quando questionados sobre qual foi a principal contribuição do Programa em suas vidas, os leitores participantes destacam principalmente o desenvolvimento do protagonismo e o aumento da frequência da leitura, enquanto os não leitores participantes apontam especialmente que passaram a frequentar mais a sala de leitura e a gostar de ler.

Qual a principal contribuição que o programa trouxe para sua vida?



É possível concluir, com base nos dados apresentados, que o estudo indica que os alunos que participam do Programa Sala de Leitura têm uma tendência de ler com mais frequência e uma quantidade maior de livros, sentem mais interesse e prazer em ler e identificam que a participação nas atividades do Programa promove seu protagonismo e maior frequência de leitura e de uso da sala de leitura.

Contribuições da parceria para os profissionais envolvidos

Além de indicar efeitos no desenvolvimento dos estudantes, os relatos de participantes ao longo dos 14 anos mostram o quanto o SuperAção Jovem contribuiu para a atuação dos profissionais e seu crescimento, tanto em termos de engajamento com o trabalho quanto no desempenho das atividades profissionais.

Em um levantamento realizado em 2016 pelo Instituto Ayrton Senna junto a cerca de 1,8 mil professores e 246 profissionais de 91 Diretorias de Ensino, todos atuantes da parceria com o Programa Sala de Leitura, 96% consideraram que os conteúdos trabalhados no âmbito da parceria “contribuem muito para sua qualificação e atuação profissional”.

Por meio de respostas a um formulário on-line que integra o programa, 62% dos professores relataram que o protagonismo juvenil foi o conceito mais utilizado por eles na prática, e quase 30% apontaram o desenvolvimento das competências de leitura e escrita como a maior conquista do programa Sala de Leitura na escola.

Além disso, em agosto de 2016 foram realizadas visitas técnicas pela equipe do Instituto a 17 escolas para coletar informações sobre o desenvolvimento da parceria com professores e gestores escolares e apoiar a tomada de decisões para a melhor implementação da proposta pedagógica do SuperAção Jovem na Sala de Leitura. Dos 17 professores ouvidos, 96% afirmaram que os jovens estavam aprendendo a trabalhar colaborativamente, 92% identificaram que os jovens estavam aprendendo a planejar ações e intervenções na comunidade escolar a partir das etapas do protagonismo juvenil e 89% disseram que os jovens estavam aprendendo a resolver questões de convívio entre si nos times do Sala de Leitura.

A seguir, confira relatos que mostram um pouco do efeito de ter participado da parceria para implementar o Programa SuperAção Jovem. Por meio de depoimentos como esses, de quem viveu e está engajado nessas parcerias, também é possível perceber com clareza sua importância e ter a certeza de que essa história não acaba por aqui, pois a continuidade estará em cada pessoa que se desenvolveu como indivíduo e profissional por meio das práticas que vivenciou e que, por meio delas, também possibilitou o desenvolvimento de tantos estudantes e profissionais da Educação do Estado de São Paulo.



Depoimento

Irani Auxiliadora Alves da Silva, Diretoria de Ensino de Taubaté – Dirigente regional desde 2014

O meu primeiro contato com o SuperAção Jovem se deu como diretora de escola, proporcionado pelo Programa Escola da Família. Posteriormente, como supervisora de ensino, tive a oportunidade de acompanhar as formações do Programa Sala de Leitura, junto às equipes escolares. Atualmente, como dirigente regional de ensino, acompanho as ações desenvolvidas nas unidades escolares em parceria com o Núcleo Pedagógico, tanto do Sala de Leitura quanto do programa Escolas de Tempo Integral.

A contribuição da parceria com o SuperAção Jovem é valiosa, pois os profissionais realizam aulas diferenciadas, contextualizadas à realidade do aluno, e para isso recebem também atualização constante, pois o Instituto Ayrton Senna oferece durante todo o ano materiais didáticos, formação continuada (presencial e EAD), reflexão sobre a prática em sala de aula e monitoramento das ações desenvolvidas nas escolas.

Destaco o comprometimento da equipe da Diretoria de Ensino de Taubaté. Percebo que os profissionais se apropriaram dos métodos de formação e acompanhamento propostos pelo SuperAção Jovem e isso tem contribuído muito para o cotidiano desses profissionais, que também podem propagar essa metodologia inovadora para outras unidades escolares.

A formação dos professores acontece de maneira dinâmica e flexível, pois a modalidade EaD oportuniza o acesso aos materiais e conteúdos de acordo com sua disponibilidade de tempo, o ambiente virtual apresenta ferramentas de fácil manejo, além dos diferentes recursos didáticos pedagógicos.

O material da parceria proporciona ao professor e ao professor coordenador a troca de experiências e a reflexão sobre a prática em sala de aula, permitindo a realização do efetivo acompanhamento das atividades desenvolvidas para o monitoramento das ações desenvolvidas pelo Programa.

Observei que os professores passaram a planejar suas ações e desenvolver as atividades de forma didática, encadeada e objetiva. Também melhoraram a prática em sala de aula e conseguiram se ver durante o processo como mediadores e articuladores do processo de ensino-aprendizagem.

Como exemplos de práticas desenvolvidas por meio da parceria, acompanhei projetos significativos, como a Feira de Troca de Livros na Escola Estadual Ministro José de Moura Resende (que se articulou com outras disciplinas para a realização de um evento literário com doação de livros e atividades culturais como leitura de poemas e causos), além do aumento dos indicadores de leitura na Escola Estadual Arrecieres Natali, o que contribuiu para o desenvolvimento efetivo das competências leitora e escritora, que são eixos basilares do Currículo Oficial do Governo do Estado de São Paulo.

Essa unidade escolar, inclusive, destaca-se pela articulação existente entre os professores e principalmente entre as professoras do Programa de Escolas de

Tempo Integral e do Sala de Leitura. Hoje, temos um padrão consolidado de leitores e escritores na escola e os alunos já publicaram, inclusive, dois livros de poesias como resultado dessa parceria com os dois programas.

A Culminância realizada no final de 2016 por essas duas escolas, aliás, foi um momento singular de aprendizagem, emoção, histórias de vida, músicas, poemas e muito mais, graças à parceria. Com o desenvolvimento das competências cognitivas e socioemocionais durante o percurso escolar, é perceptível a mudança de postura dos alunos e a melhora no desenvolvimento das relações interpessoais. Percebo também o desenvolvimento da autonomia nas escolhas dos estudantes (desde a escolha de um livro até um projeto que queira desenvolver).

Para contribuir com a formação de jovens cidadãos, é preciso ter parcerias dos diferentes segmentos, como a do Instituto Ayrton Senna, que agrega conhecimento e compartilha dos mesmos objetivos educacionais para o sucesso de nossos alunos. As formações ofertadas pelo Instituto contribuíram muito com o meu desenvolvimento profissional, pois tanto a dinâmica quanto os materiais disponibilizados são ferramentas imprescindíveis para a prática pedagógica.



Depoimento

Rodrigo Cesar Gonçalves, *Diretoria de Ensino de Taubaté – Professor coordenador de Núcleo Pedagógico (PCNP)*

Ingressei na Rede Estadual de Ensino no ano de 2005 e atuei em diversas escolas nos municípios de Taubaté e Caçapava, mas foi no ano de 2010 que comecei a desenvolver o trabalho com o Programa SuperAção Jovem na Escola de Tempo Integral – Escola Estadual Ministro José de Moura Resende – e fui um dos primeiros professores de Leitura e Produção de Texto na Escola Estadual Arrecieres Natali. No ano de 2015 comecei a atuar como PCNP, acompanhando e realizando a formação continuada dos professores.

Apoiar escolas que oferecem uma proposta de educação integral é muito bom, principalmente porque é possível observar a transformação dos alunos ao longo do tempo. Os alunos que passam pelo Programa SuperAção Jovem chegam ao Ensino Médio com autonomia, com vontade de desenvolver projetos e com vontade de crescer na vida (autoestima elevada). Percebemos que durante o percurso do Ensino Fundamental eles se tornaram mais maduros e passaram a buscar a todo tempo soluções para os problemas da escola e da região em que vivem. Essa parceria contribuiu muito para que a escola se transformasse em um espaço de aprendizagem integral, democrático e alcançasse a meta do Idesp nos anos em que a parceria aconteceu.

Acredito que as competências cognitivas e socioemocionais se completam, se relacionam, pois quando as competências socioemocionais estão bem desenvolvidas nos alunos e eles se destacam no desenvolvimento das competências cognitivas. Durante a minha atuação como formador, procurei sempre demonstrar essa relação para os professores.

O professor que passa pela formação do SuperAção Jovem possui outro olhar para o aluno e para si mesmo. Posso dizer que o profissional tem vontade de crescer com os alunos, vamos todos juntos porque é possível e ninguém vai ficar para trás. Eu melhorei muito como profissional depois que conheci o Programa SuperAção Jovem, me tornei um profissional mais dinâmico, atualizado, que sabe olhar para os alunos de maneira terna, e a aprendizagem acontece. Com essa parceria aprendi muito e replico pelas escolas por onde eu passo a metodologia do Programa.



Transferência de gestão

A partir de 2015, foi iniciado um processo de transferência das metodologias e prática de gestão do SuperAção para as equipes das Diretorias Regionais de Ensino (Supervisores e PCNPs – Professores Coordenadores do Núcleo Pedagógico) que passaram a formar professores e professores coordenadores e acompanhar as escolas com foco na formação em serviço.

O ano de 2017 foi marcado pela transferência da gestão do programa para a equipe central da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. A transferência de tecnologia social integra um dos princípios de atuação do Instituto Ayrton Senna, que é o de promover o protagonismo das redes de ensino com as quais atua e de compartilhar conhecimentos essenciais para a promoção da educação integral.

Para tanto, neste ano foram realizadas ações de formação com profissionais da CGEB (Coordenadoria de Gestão da Educação Básica) da Secretaria. Nesses momentos formativos, o Instituto compartilhou a base conceitual, o material e o itinerário necessário para implementação do Programa SuperAção Jovem, com objetivo de que essa equipe passe a fazer a gestão e o acompanhamento do Programa nas escolas a partir de 2018.

Esse trabalho também tem como objetivo garantir a sustentabilidade das transformações promovidas. Em São Paulo, a SEE irá, nesse novo momento da parceria, gerir o trabalho de forma integral e integrada às suas políticas e projetos na área de educação.

Como parte desse momento de transferência da gestão, o Instituto realizou o licenciamento dos materiais didáticos, materiais de apoio e dos cursos já elaborados durante a parceria, para que a Secretaria da Educação possa utilizá-los nas escolas parceiras. Também foram compartilhados os instrumentos de coleta de dados e materiais de orientação para a sistemática de acompanhamento, que inclui as etapas de formação em serviço e monitoramento das ações para dar visibilidade aos resultados do processo e apoiar a tomada de decisões estratégicas. Essa sistemática é entendida como essencial para o bom desenvolvimento das propostas e a conquista de melhores resultados no desenvolvimento dos estudantes.

Além disso, a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo poderá contar com quatro cursos formulados pelo IAS, para contribuir com as futuras formações a serem realizadas a partir de 2018. Por meio de plataforma EaD, os cursos serão disponibilizados para toda a rede em escolas com Sala de Leitura e aquelas com projetos de jornada ampliada.

Bibliografia

- ANDRADE, Paulo Emílio de Castro. **ONGs e educação: significados atribuídos por jovens à participação em projetos educativos.** Belo Horizonte: UFMG, 2009. Dissertação de Mestrado.
- CAVALIERE, A. M. Escolas públicas de tempo integral: uma ideia forte, uma experiência frágil. In: CAVALIERE, A. M.; COELHO, L. M. C. **Educação brasileira e(m) tempo integral.** Petrópolis: Vozes, 2002.
- COSTA, Antonio Carlos Gomes da. **A presença da pedagogia: métodos e técnicas de ação socioeducativa.** São Paulo: Global; Instituto Ayrton Senna, 1999.
- _____. **Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática.** Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.
- COSTA, Antonio Carlos Gomes da.; ANDRE, Simone. **Educação para o desenvolvimento humano.** São Paulo: Saraiva: Instituto Ayrton Senna, 2004.
- DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir.** São Paulo: Cortez: UNESCO: MEC, 2001, 6.ed.
- Instituto Ayrton Senna. **Caderno 2 – Modelo Pedagógico – Princípios, Metodologias e Avaliação da Aprendizagem.** 2015.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2002.

_____. **O problema epistemológico da complexidade.** Portugal: Publicações Europa-América, 1996.

—————. PERRENOUD, P. **Construir as competências desde a escola.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

_____. **Construir competências desde a Escola.** Porto Alegre: Artmed, 1999b.

_____. **Dez novas competências para ensinar.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

—————. ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão.** São Paulo: Parábola, 2009.

_____. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania.** São Paulo: SEE: CENP, 2004.

_____. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, R. H. R; MOURA, E. (Orgs.). **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola, 2012.

—————. TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática.** São Paulo: Cortez, 2008, 12. ed.

